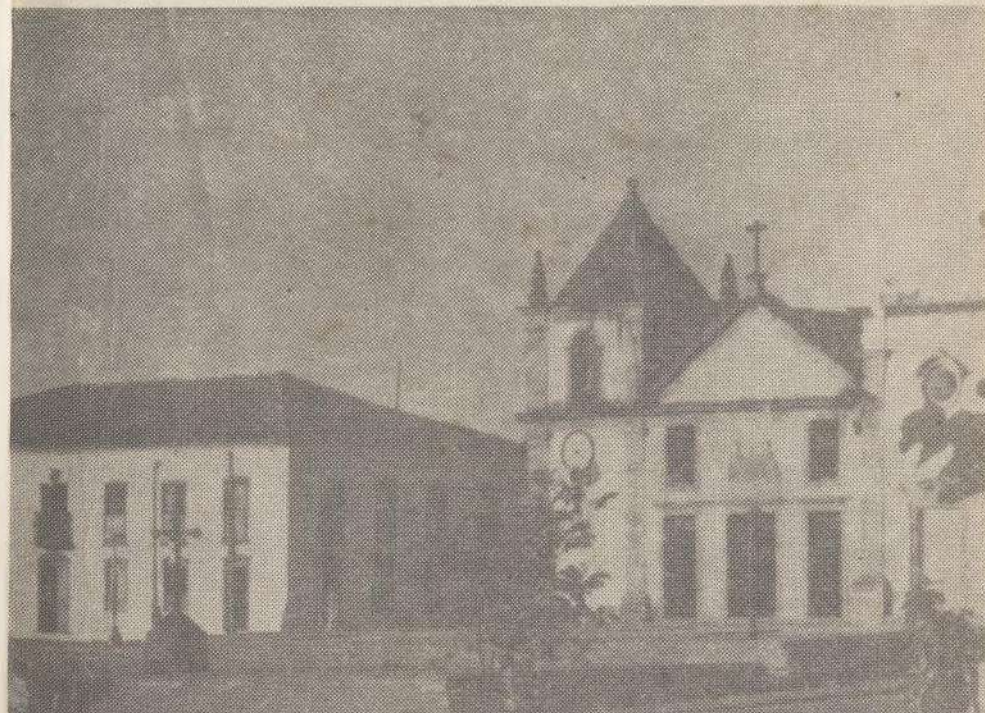


EDIÇÃO ESPECIAL

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO DE OEIRAS

OEIRAS — PIAUÍ
1978



REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO DE OEIRAS

EDIÇÃO ESPECIAL

COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO DE
NASCIMENTO
DE
DAGOBERTO FERREIRA DE CARVALHO

18 DE JULHO DE 1876

18 DE JULHO DE 1976

Capa: Oeiras - Piauí
Trecho da Praça das Vitórias, vendo-se
a Catedral e o Palácio do Bispado

OEIRAS — PIAUÍ

INSTITUTO HISTÓRICO DE OEIRAS
FUNDADO EM 6 DE JANEIRO DE 1972

DIRETORIA

Presidente — Possidônio Nunes de Queiroz

1.º Vice-Presidente — Dagoberto Ferreira de Carvalho Júnior

2.º Vice-Presidente — Adão Wallace Luz Mendes

Orador — José Expedito de Carvalho Rêgo

Tesoureiro — Leonília de Carvalho Rêgo

1.º Secretário — José Cícero Romão Batista

2.º Secretário — Maria do Espírito Santo Rêgo

Arquivista — Alina Rosa Ferraz Nunes Ferreira de Carvalho

COMISSÃO DE DEFESA DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E DO FOLCLORE OEIRENSE

José Gutemberg Ferreira Soares
Leonília de Carvalho Rêgo

ROTEIRO

As solenidades do Centenário

Nota (Dagoberto Ferreira de Carvalho Júnior)

Sessão realizada às 10 horas de 18.07.76:

Palavras do Presidente na abertura dos trabalhos
(Possidônio Nunes de Queiroz)

Discurso do orador oficial
(José Expedito de Carvalho Rêgo)

Discurso de agradecimento
(José Luís Martins de Carvalho)

Palavras do Presidente no encerramento dos trabalhos
(Possidônio Nunes de Queiroz)

Sessão solene realizada às 20 horas do dia 18.07.76:

Discurso do Presidente
(Possidônio Nunes de Queiroz)

Discurso de agradecimento
(Abimael Clementino Ferreira de Carvalho)

Visita ao túmulo do homenageado:

Carta — Gravação
(Abimael Clementino Ferreira de Carvalho)

AS SOLENIDADES DO CENTENÁRIO

As solenidades comemorativas do centenário de nascimento de Dagoberto Ferreira de Carvalho, realizadas a 18 de julho de 1976, com o patrocínio do Instituto Histórico de Oeiras, tiveram ampla repercussão, não só na VELHACAP, como em outras cidades do Estado do Piauí.

O programa das comemorações foi o seguinte:

08:00 h — Missa celebrada na Catedral de N. S. das Vitórias em intenção da alma de Dagoberto Ferreira de Carvalho.

09:00 h — Visita ao túmulo do homenageado.

10:00 h — Inauguração do retrato de Dagoberto Ferreira de Carvalho na Sede do Instituto Histórico de Oeiras

Oradores:

Dr. José Expedito de Carvalho Rêgo

Dr. José Luís Martins de Carvalho

20:00 h — Sessão Solene do Instituto Histórico de Oeiras, comemorativa do Centenário.

Oradores:

Prof. Possidônio Nunes de Queiroz — Presidente do Instituto

Gen. Abimacl Clementino Ferreira de Carvalho

NOTA

Constitui a vida de Dagoberto Ferreira de Carvalho memorável lição de honradez, civismo e trabalho que, tanto quanto possível, convém enaltecer e relembrar. Escudado neste princípio — o de relembrar e enaltecer os homens e os fatos, maiores e mais marcantes desta terra — é que o Instituto Histórico de Oeiras se associou às homenagens com que a família Ferreira de Carvalho comemorou o dia 18 de julho de 1976 — o do Centenário de nascimento de seu Patrono.

O Instituto Histórico de Oeiras não só se associou às homenagens que então se prestaram a Dagoberto Ferreira de Carvalho. Fez a festa. Liderado pela figura ímpar de Possidônio Queiroz — em tão boa hora Presidente da Casa — contemporâneo e amigo do homenageado, o Instituto levou à festa da família o reconhecimento da cidade. Dagoberto Carvalho foi um intelectual, dos maiores de seu tempo, em Oeiras. Estava sobretudo nisso a identidade que ora o aproximaria do Instituto. Identidade que levou o Instituto ao encontro apoteótico de sua memória, na festa de seu Centenário. Dagoberto Carvalho fora o oeirense adotivo que mais se afeiçoara à terra, que mais teluricamente vivera a Oeiras da primeira metade do século XX. Razão de sobra, pois, para a adesão unânime de um Instituto que se fizera para o culto e a defesa do patrimônio oeirense. Dagoberto Carvalho é patrimônio cultural e moral de Oeiras.

Dagoberto Ferreira de Carvalho Júnior
Vice-Presidente do IHO



DAGOBERTO FERREIRA DE CARVALHO

18 DE JULHO DE 1876

18 DE JULHO DE 1976

Sessão do Instituto Histórico de Oeiras, realizada às 10 horas do dia 18 de julho de 1976, para inauguração do retrato de Dagoberto Ferreira de Carvalho, na sede do Instituto.

Palavras com que o Sr. Presidente do Instituto, professor Possidônio Nunes de Queiroz, abriu os trabalhos da sessão.

Senhoras!

Senhores!

O Instituto Histórico de Oeiras vive hoje um dos seus grandes dias. Com a realização desta cerimônia, cumprimos uma parte do programa traçado para esta data. Trata-se de homenagear a memória de um cidadão inteligente, reto, virtuoso, ao transcurso do primeiro centenário de seu nascimento. Ainda há pouco, na Catedral, assistimos à missa comemorativa de evento, para nós, tão importante. A seguir, em romaria cívica, fomos ao Cemitério, para respeitosa visita ao túmulo do nosso pró-homem. Agora, esta sessão, na qual faremos aqui, na sede provisória do IHO, a aposição do retrato do homenageado. À noite, às vinte horas, realizaremos sessão solene, no salão nobre da União Artística Operária Oeirense, como remate ao programa do dia, — deste dia que a nossa Entidade vive intensamente, pois que dedicado ao culto de um ilustre conterrâneo, homem bom, probo, culto, que viveu sempre dedicado às boas causas, e que aqui, durante um poder de anos, serviu, superiormente, à causa da

Justiça, já como Promotor Público da Comarca por mais de duas décadas, já como advogado competente no foro de nossa terra, e no de outras Comarcas.

Esta sessão, como dito, tem por finalidade a aposição, em nosso IHO, do retrato do Exmo. Sr. Dagoberto Ferreira de Carvalho, de saudosa memória.

Para este ato histórico, aqui se acham quase todos os descendentes do homenageado ilustre. Presentes se encontram os seus dignos filhos: General Abimael Clementino Ferreira de Carvalho, Desembargador Antônio Santana Ferreira de Carvalho e Godofredo Clementino Ferreira de Carvalho e Exmas. Esposas: Senhoras Maria Tarcísia Maia de Carvalho, Alina Rosa Ferraz Nunes Ferreira de Carvalho e Nair Clementino Ferreira de Carvalho. Também, entre outros, os seus netos: Dr. José Luiz Martins de Carvalho, digno Juiz de Direito da 2.^a Vara da Comarca de Floriano, a Princesa do Sul do Estado, e o jovem Esculápio Dr. Dagoberto Ferreira de Carvalho Júnior, sócio fundador deste Instituto Histórico e um dos responsáveis imediatos pela sua fundação.

Prestigia este ato, a personalidade egrégia do Exmo. Sr. Desembargador Anísio Martins Maia, Procurador Geral do Estado, aposentado, homem culto, que exerceu no Piauí os mais relevantes cargos e a quem a Terra de Mafrense deve assinalada e brilhante folha de serviços.

Outras pessoas ilustradas vieram de Teresina, de Fortaleza e de outros pontos, para comungar conosco da mesma hóstia cívica.

Com estas palavras, Exmas. Senhoras e Senhores, declaro aberta a sessão e passo a palavra ao ilustre Dr. José Expedito de Carvalho Rêgo, orador oficial do IHO, que fará o elogio do nosso homenageado.

Discurso pronunciado pelo Orador Oficial do Instituto, Dr. José Expedito de Carvalho Rêgo.

A História foi, desde os tempos primitivos, a narrativa de feitos heróicos, de guerras ou a biografia de homens ilustres. É mesmo comum dizer-se que povo sem guerra é povo sem história. Vemos Homero, que não foi exatamente um historiador, cantando a guerra de Tróia, no poema imortal. Vemos o mesmo Homero a descrever as peripécias de Ulisses, noutro poema memorável. Heródoto, considerado o Pai da História, também se dedica ao estudo das guerras pérsicas e de seus heróis. Xenofonte narra magistralmente a Retirada dos Dez Mil e, na *Ciropédia*, ergue um monumento biográfico a Ciro, o grande imperador. Plutarco, mais tarde, lança as suas *Vidas dos Homens Ilustres*, obra de extraordinário mérito, onde são descritas as vidas de todos os ilustres varões gregos e romanos, anteriores ao autor.

Notamos, portanto, que a História nada mais tem sido do que a narrativa de guerras, ou da vida de homens notáveis, homens que se distinguiram de modo incomum, pairando muito acima de seus contemporâneos, homens que, na suposição dos antigos, mudaram o curso da própria História. Assim foi durante muito tempo, até quase nossos dias. Parece-nos que foi H. G. Wells, sociólogo e historiador inglês dos mais destacados, quem primeiro se insurgiu contra esse modo de fazer história. Com sua pena iconoclasta, ele lançou por terra, quais ídolos de barro, figuras até então contempladas

por todos como se fossem verdadeiros deuses, vultos históricos do quilate de Alexandre da Macedônia, Júlio César e Napoleão Bonaparte. Analisando a fundo essas personalidades famosas, Wells as reduz às dimensões humanas, mostra que todos não passam de seres atormentados pela ambição e pelo egoísmo, lançados aos pináculos da glória por simples golpes da sorte ou de esperteza. Que teria sido de César se, depois de atravessar o Rubicão, não tivesse vencido? E a História, teria se modificado? Certamente que não! Pompeu lá mesmo estava para levar Roma ao Império e à grandeza, talvez melhor do que César.

Assim é que H.G. Wells, tendo atirado ao solo esses ídolos consagrados, vai buscar lá na Índia distante um nome até então desconhecido e apagado, um imperador por nome Açoca e mostra aos estupefatos leitores europeus civilizados o que é um grande monarca, um governante que entregou toda sua vida à manutenção da paz entre seus súditos, que se dedicou não a dominar os povos vizinhos, mas a construir estradas, a cuidar da educação, da saúde, do bem-estar de seu povo.

Só mais recentemente é, pois, que os historiadores deixaram de se dedicar ao endeusamento dos chamados grandes homens e têm se preocupado com o viver cotidiano dos cidadãos comuns. Atualmente, muitos estudiosos passam grande parte de seu tempo em escavações e pesquisas as mais diversas e modernizadas, com a finalidade de descobrir a maneira de viver dos homens comuns de um determinado povo, numa época fixada. Procuram adivinhar o que faziam diariamente, o que comiam, de que modo se divertiam, como educavam seus filhos, quais suas atividades religiosas, seu modo de comerciar, suas viagens, seus negócios.

É, por conseguinte, uma tendência moderna da história o estudo do cidadão comum, daquele que não se destacou por qualquer fato heróico, mas que contribuiu com seu trabalho rotineiro e cotidiano, para que o mundo andasse para a frente, para que a história tivesse o seu curso.

O Instituto Histórico de Oeiras reúne-se aqui hoje para homenagear um homem que, do ponto de vista dos historiadores primeiros, não se destacou por atos heróicos ou feitos extraordinários. Mas já o nosso grande poeta, Tomás Antônio Gonzaga, no seu versejar lírico, afirmava:

“O ser herói, Marília, não consiste em queimar os impérios... a guerra espalha o sangue humano e despovo a terra...”

“Eu é que sou herói, Marília bela, seguindo da virtude a honrada estrada...”

Dagoberto Ferreira de Carvalho seguiu a honrada estrada. Filho de Rodrigo Ferreira de Carvalho e Lavínia Isabel de Carvalho, nasceu na cidade de São João do Piauí, a 18 de julho de 1876. Fez seus primeiros estudos com seu progenitor, o professor Rodrigo Ferreira de Carvalho, e com o Dr. Alvaro de Assis Osório Mendes, então Juiz de Direito daquela comarca. A carência de escolas públicas no Piauí antigo sempre foi uma constante e mesmo boas escolas particulares constituíam raridade. As crianças em idade escolar tinham que se valer de parentes e amigos para a indispensável alfabetização e aquisição de conhecimentos elementares. Veio o jovem Dagoberto para nossa Oeiras a 28 de outubro de 1896, com 20 anos de idade, portanto. Aqui chegando, trabalhou com o Major Selemérico Newton de Carvalho, de quem foi sócio comercial e ao mesmo tempo aluno nos seus estudos da língua vernácula. Exerceu o cargo de Promotor Público da Comarca de Oeiras por mais de 20 anos, tendo também militado na advocacia cerca de 25 anos, aqui e nas cidades vizinhas. Casou-se em primeiras núpcias com D.^a Eulália Clementino Martins de Carvalho, a 28 de outubro de 1900, e em segundo enlace com D.^a Maria Josefa Clementino Martins de Carvalho, irmã da primeira. Ambas eram filhas do Cel. Manuel Clementino de Sousa Martins e de D.^a Francisca Clementino de Carvalho. Deixou do primeiro casamento seis filhos, não tendo tido filhos do segundo matrimônio. Faleceu Dagoberto Ferreira de Carvalho a 7 de dezembro de 1951, nesta cidade.

Pertencendo este fraco orador a uma geração bastante posterior à do homenageado, não teve oportunidade de privar com o mesmo, restando em sua lembrança apenas uma distante reminiscência infantil, da qual se recorda talvez por ser um fato ligado à profissão que exerce. Dagoberto Ferreira de Carvalho teve os últimos anos de sua vida atormentados por terríveis crises de asma brônquica, do que veio provavelmente a falecer.

Aí está, como podeis ver, a biografia simples de um homem simples, que dedicou sua vida ao trabalho honrado, à família, à religião que abraçou. É, pois, com grande satisfação, que o Instituto Histórico de Oeiras solidariza-se com a família Ferreira de Carvalho, ao prestar esta homenagem a esse ilustre piauiense que, se não é filho de Oeiras, aqui viveu a maior parte de sua vida, no trabalho proífico de homem honesto, amigo de todos, a todos fazendo o bem e sendo por todos respeitado.

Que sirva pois o retrato, que neste recinto ficará apostado, a partir de hoje, nesta data do centenário de nascimento de Dagoberto Carvalho, de símbolo do preto que se dedica ao cidadão bom, simples e honrado, verdadeiro herói, no entender de Gonzaga.

Este Instituto congratula-se com os representantes da família do homenageado, muito especialmente com seus descendentes mais diretos, por esta prova tão edificante de amor filial, organizando para o velho pai ausente uma festa assim tão de acordo com as circunstâncias e digna dos maiores elogios.

Discurso do representante da família Ferreira de Carvalho, Dr. José Luís Martins de Carvalho.

Reunimo-nos neste instante, honrados com a presença do mundo sócio-cultural oeirense e de expoentes da coorte dos admiradores do saudoso Dagoberto Ferreira de Carvalho, meu inesquecível avô paterno, para celebrar o ato da inauguração de seu retrato no augusto recinto do Instituto Histórico de Oeiras.

Esta homenagem é uma das de maior sentido e valia, de quantas se processam hoje, no ensejo das comemorações do centenário de nascimento do homenageado. Para exprimir, com saber e acerto, os sentimentos de respeito, gratidão, saudade e veneração, que toda família Ferreira de Carvalho devota, mercedamente, à memória de seu inolvidável chefe, Dagoberto, neste lugar, e nesta hora, deveria falar um dos dois de seus diletos filhos: o desembargador Antônio Santana Ferreira de Carvalho ou o exator de rendas federais José Clementino Ferreira de Carvalho. Infelizmente, alterações no estado de saúde de ambos privam-nos do prazer de ouvirmos as já conhecidas beleza e eloquência do verbo de um vibrante orador, um ou o outro fosse. O primeiro está conosco, vivendo as alegrias desta magnífica festa humana e cívica. O segundo, lá das montanhas alterosas da bela capital do valoroso Estado de Minas Gerais, sentindo as mesmas emoções que nos envolvem e com o pensamento voltado para a figura central da solenidade, em espírito, também está presente.

Na vã tentativa de preencher tão grande lacuna, eis-me aqui, modesto membro da segunda geração do homenageado,

para dizer-vos, de início, que só é pequena, ínfima mesmo, no fulgor desta homenagem, a contribuição do intérprete que a família Ferreira de Carvalho designou para expressar os seus sentimentos: "caudal de águas claras, que se vê angustiado e represado no leito pedregoso e áspero da minha frase." E, tomando ainda de empréstimo palavras do Ministro Décio de Miranda, pronunciadas quando da inauguração do retrato do Ministro Cândido Mota Filho, na galeria dos Presidentes do Tribunal Superior Eleitoral, faz-se mister acrescentar: "só o que não se vê — a profundidade das águas — alteia o nuncio aos autores da mensagem. Ai dele, porém, que não conseguirá exhibir em uma só passagem, ainda que em breve trecho, a face límpida da torrente. Como no *canyon* e no álveo largo, são as mesmas as águas que correm, são idênticos os sentimentos, mas ao passo que aquele as retorce nas corredeiras desvairadas e as esconde nas brumas e nos desvãos, o último as exhibe em espelho sereno e brilhante."

E como neste quadro, na realidade, represento o *canyon*, o objetivo de minhas palavras não poderá ser aquele que, com facilidade e brilhantismo, seria alcançado por qualquer um dos dois dos meus queridos tios, mas tão-só o de reiterar ao Instituto Histórico de Oeiras, através das pessoas de seu ilustre Presidente, Possidônio Nunes de Queiroz e de todos os seus insignes sócios, os agradecimentos da família de Dagoberto Carvalho, por haver este Instituto se incorporado a ela nas comemorações do centenário do seu patrono. Ao orador oficial desta sessão, Dr. José Expedito de Carvalho Rêgo, expresso, em nome dos descendentes, parentes e admiradores do homenageado, os nossos agradecimentos especiais pela generosidade dos conceitos contidos no belo discurso que acaba de proferir. Dr. José Expedito: as vossas palavras jamais se apagarão de nossas lembranças, pois, com elas, abristes um sulco imperecível de gratidão nos nossos corações.

Senhor Presidente e senhores sócios do Instituto Histórico de Oeiras: ao emprestardes vós a adesão deste importantíssimo grêmio de cultura às homenagens que a família Ferreira de Carvalho pretendia, em ambiente familiar e in-

timo, tributar no dia de hoje à memória de Dagoberto Ferreira de Carvalho, pela passagem do centésimo ano de seu nascimento, transformastes o que seria uma simples comemoração doméstica e restrita em um marcante acontecimento cívico de inegáveis repercussões sócio-culturais no seio da comunidade desta cidade e, quiçá, de todo o Estado.

- Teríeis razões plausíveis e lógicas, que não apenas sentimentais, para tão franca atitude?
- Teria o homenageado méritos que justificassem uma homenagem de tal vulto?

A estas indagações, vós mesmos, senhores sócios do Instituto, já destes a resposta, com um ato de verdadeira justiça para com o patrimônio moral e intelectual de nossa terra, encampando o agradável e sagrado serviço de exaltação das virtudes peregrinas de um homem probo, cuja memória não deveria — por não ser justo e nem lícito — ser cultuada única e exclusivamente pelos membros de sua família. E por que tão nobre gesto? — Respondo eu mesmo, duas vezes interrogando: — Porventura os integrantes deste Instituto não são os incansáveis estudiosos da história de nossa gente? — Não são eles, no presente, os historiadores de nossa terra?

E, como realmente o são, vale dizer, servindo-me de conceito de Macaulay, que, entre nós, "são eles os detentores legítimos da mais rara, da mais preciosa das prerrogativas intelectuais e cívicas", porque a história — explica o célebre ensaísta inglês — "é uma filosofia que ensina pelos exemplos; que grava nos espíritos verdades gerais, apresentando-as na vivacidade dos caracteres e dos incidentes particulares; que faz presente o passado; que aproxima o distante; que nos coloca na convivência de um grande homem, ou na eminência que domina as planícies onde se travam batalhas decisivas; que reveste de carne e de sangue personagens que nos acostumamos a considerar como protótipos de determinadas virtudes; que revive diante de nós os nossos antepassados, com todas as peculiaridades de seu linguajar, das suas maneiras

e dos seus costumes; nos introduz nas suas próprias casas; nos assenta à sua mesa; vasculha os seus guarda-roupas, as suas arcas e os seus armários”.

Assim entendida e praticada, a história — tal é a lição de Pirenne — participa ao mesmo tempo da ciência e da arte. “Da ciência, porque supõe um método que comporta processos realmente científicos, de pesquisa, de análise e de crítica dos documentos postos ao seu alcance. Da arte, porque de posse dessas peças o historiador deve servir-se delas para ressuscitar o passado com todos os seus problemas políticos e sociais, morais e econômicos. Só atinge a perfeição o historiador que sabe combinar a técnica com a arte, a análise com a síntese, a crítica com a imaginação.”

Donde, forçoso é reconhecer, com Fustel de Caulanges, que, “a uns poucos minutos de síntese não de corresponder necessariamente meses ou anos de análise”.

Ora, senhores sócios deste egrégio Instituto, fostes vós que, com ciência e arte, analisastes, no tempo e no espaço, todos os predicados que ornavam a marcante personalidade do homenageado de hoje e reconhecestes que, pela relevância de sua ação no seio da sociedade em que viveu, seu nome terá de permanecer sempre redivivo no culto e na saudade que os pósteros devem tributar aos antepassados, não apenas como um sentimento de afeição, mas, também, e, sobretudo, — aí a explicação para o vosso gesto — como um processo educativo, para que os bons se inspirem nos bons. E é grande e nobre tal gesto, porque o elogio das vidas exemplares é um estímulo para que outros as imitem.

Não são, senhor Presidente, senhores sócios do Instituto, meus senhores e minhas senhoras, as vidas heróicas, de lances dramáticos, as que mais se prestam a esse influxo educativo; e são aquelas que se pautam, serenamente, pelo dever. Porque o heroísmo nem sempre se pode ou se deve imitar, pois as mais das vezes exige forças quase sobre-humanas, e depende de oportunidades; ao passo que a constância na virtude, atingível a quase toda gente, é exercitável em todas as horas e ocasiões.

A vida de meu venerável avô, Dagoberto Ferreira de Carvalho, meus senhores e minhas senhoras, que surgiu em 18 de julho de 1876, na cidade de São João do Piauí, deste Estado, e se extinguiu a 7 de dezembro de 1951, aqui, nesta velha e querida Oeiras, onde ele viveu 55 anos ininterruptos, a partir de 28 de outubro de 1896, constituindo família, amando a Deus e servindo aos seus semelhantes, foi uma dessas vidas retilíneas e puras, norteadas pela virtude e através da qual outras vidas se podem moldar e exaltar.

Não foi ele, como todos sabemos, um desses capitães vitoriosos a quem a sorte das armas houvesse cingido a fronte de lauréis insígnies; nem foi um político afortunado a que a popularidade houvesse bafejado ou os ouropéis do poder houvessem nimbado de fama e de prestígio. Ele foi, isto sim, durante toda a sua profícua existência, um devotado e incansável cultor das letras jurídicas e, sobretudo, um vibrante e apaixonado defensor da Justiça.

Não pretendo — e seria grande presunção minha pretendê-lo — fazer neste descolorido discurso a biografia do inesquecível Dagoberto Ferreira de Carvalho. Essa é tarefa que exige recursos de maior talento e que, por certo, com propriedade e saber, será cumprida por outro de meus tios, o culto e honrado General Abimael Clementino Ferreira de Carvalho, filho do homenageado, que ainda hoje, à noite, fará uso da palavra durante outra sessão solene que será promovida por este mesmo Instituto.

É meu desejo, apenas, ressaltar alguns traços da personalidade do homenageado, e se conseguir fazê-lo, mesmo que de leve, e palidamente, sentir-me-ei recompensado.

“Conhecer e venerar os antepassados — já o disse Cardoso de Miranda — é investigar, para melhor mantê-lo, o patrimônio moral e intelectual deles recebido, e apurar as qualidades de coração que deles nos vieram na herança sentimental das gerações.”

O só fato de alguém tomar o nome de um cidadão representativo das virtudes de seu povo, pesquisar os acidentes de sua vida, submetê-los à análise, julgamento, coordenação

e confronto na policromia de um cenário histórico, para descrição e exaltação de seus grandes traços de interesse público, já se constitui mais que uma devoção artística de propósitos educativos, porque, na realidade, a elaboração de uma base espiritual de aglutinação cívica e política. No caso da personalidade ora enfocada, o meu venerado avô Dagoberto, o que, certamente, elevou mais o seu nome no conceito de seus conterrâneos e na admiração e respeito de seus pósteros foi o sentimento constante do dever, esse heroísmo cotidiano, heroísmo de todos os momentos, sem gestos e alardes teatrais, graças ao qual os homens de caráter são, no belo dizer de Emerson, "a consciência da sociedade a que pertencem".

Oitavo filho do professor de letras Rodrigo Ferreira de Carvalho e de sua mulher Lavínia Isabel de Carvalho, criou-se, Dagoberto Carvalho, no seio de uma família de 17 irmãos, recebendo dos pais uma carinhosa e esmerada educação, profundamente cristã, na qual os preceitos se ajustavam aos exemplos, fixando-se em seu espírito, desde a infância, a exata noção de que os laços de fraternidade são muito mais extensos do que os provindos do sangue; e de que a Pátria e a Humanidade são círculos concêntricos, dentro dos quais se inscreve, física e moralmente, o pequeno círculo da família em que nascemos. E foi esta, senhores e senhoras, a generosa noção que norteou a sua conduta de filho, de marido, de pai, de cidadão, de advogado e de promotor de justiça, tão observante das obrigações do lar, como das impostas pela comunhão nacional, pela *comitas gentium*, ou pela *Civitas Dei*.

Ainda na juventude, e na cidade natal, Dagoberto Carvalho apaixonou-se pelo estudo das letras jurídicas. E, sem recursos materiais para buscar nos raros e distantes centros de cultura do país o preparo sistematizado e o sonhado grau de bacharel, à custa de ingentes esforços e de pertinaz dedicação, como autodidata, e graças à sua privilegiada inteligência, adquiriu profundos e invejáveis conhecimentos da ciência de Ulpiano, que, durante sua fecunda existência, sempre utilizou com admirável maestria, elevado espírito cristão

e impecável ética profissional, na defesa da verdade e da justiça.

Chegando a esta velha e amada Oeiras em 28 de outubro de 1896, precisamente depois de quatro anos, a 28 de outubro de 1900, consorciou-se com sua santa e amorável prima Eulália Clementino Martins de Carvalho, que lhe deu seis filhos, todos oeirenses, a saber: Manuel Clementino Ferreira de Carvalho, solteiro; Godofredo Clementino Ferreira de Carvalho, meu bondoso e querido pai, casado com Nair Clementino Martins de Carvalho, minha amada e veneranda mãe; Maria da Conceição Mendes de Carvalho, a nossa inesquecível "tia Nicota", tão precocemente falecida, em 1943, deixando viúvo o honrado Lourival Mendes de Carvalho, e órfãos seis filhos, agora já maiores, cinco deles já casados; José Clementino Ferreira de Carvalho, casado com Maria José Martins de Carvalho, residente em Belo Horizonte, Minas Gerais; Abimacl Clementino Ferreira de Carvalho, casado com Maria Tarcísia Maia de Carvalho; e, finalmente, Antônio Santana Ferreira de Carvalho, casado com Alina Rosa Ferraz Nunes de Carvalho, os vivos, com exceção de José Clementino e sua mulher, que, por motivo de força maior, não puderam comparecer, todos aqui presentes.

Perdendo a doce companhia em 14 de agosto de 1930, Dagoberto convolveu segundas núpcias em 25 de março de 1931, com uma irmã de sua falecida esposa, Maria Josefa Clementino Martins de Carvalho, a inolvidável "Mariquinha", uma daquelas impolutas e invictas mulheres de que nos fala a Bíblia Sagrada, e que dirigiu ou influenciou a formação de quase todas as grandes famílias que constituem a comunidade oeirense e que, com extraordinária e inextinguível dedicação e muito carinho, o assistiu na velhice e doença, até a morte, sobrevivendo-lhe por menos de dois anos.

Durante mais de meio século, senhores e senhoras, viveu Dagoberto Carvalho em Oeiras, inteiramente devotado à cultura, aos superiores valores do espírito e às causas do bem comum. Mesmo sem título nem toga de doutor, militou, enquanto a saúde lhe permitiu, nos pretórios judiciais do Estado,

ombreado-se com os mais famosos e cultos advogados de seu tempo, sem que jamais fosse por qualquer deles superado em brilho e saber. No exercício das funções do cargo de Promotor de Justiça desta Comarca, que ocupou por vários anos, foi impecável no cumprimento de seus deveres, e, pela perfeição dos trabalhos jurídicos que produziu, serviu de paradigma para seus colegas, quer leigos, quer togados, conforme as reiteradas atestações dos chefes do Ministério Público do Estado e dos insígnies desembargadores que constituíam o Tribunal de Apelação do Piauí àquela época.

Espírito liberal, evolvido de muitos anos do pensamento e dos costumes políticos do tempo em que viveu, Dagoberto Ferreira de Carvalho sempre abominou e combateu a violência, fossem quais fossem os modos, formas ou matizes, com que ela se apresentasse. Que o digam os pobres e os humildes desprotegidos que moravam nesta terra, em sua época, e em favor de muitos dos quais ele requereu ordens de *habeas corpus*, contra atos abusivos praticados pelos poderosos que então governavam a cidade.

Era piedosa e larga a sua humanidade. Seu desinteresse por bens materiais pode-se muito bem aferir-se da honrosa pobreza em que criou os filhos, não podendo, aos primeiros, proporcionar além de uma educação primária. Amou e praticou a justiça, a que serviu como advogado e promotor.

Meus senhores e minhas senhoras:

- Levou o homenageado ao prelo alguma obra científica ou literária que justificasse a aposição de seu retrato nesta egrégia casa de cultura?
- E houve, porventura, algum afortunado que vivendo no seu tempo — e nesta cidade — tenha alcançado a felicidade de imprimir em livro as suas idéias ou seus raciocínios?

Não, respondo; ao mesmo tempo em que pergunto:

- E a advocacia, a advocacia em que Dagoberto Ferreira de Carvalho realmente primou, haverá, porventura, trabalho de inteligência que valha mais?
- E será um perfeito memorial para a vitória de certas causas inferior a uma obra literária?
- Acaso, na obra de Cícero — coletâneas de trabalhos forenses — será menos apreciável a oração do advogado que a composição do literário?
- Valerá menos *Pro Milone* que *De Amicitia*?
- “A Anistia Inversa”, “O Direito do Amazonas ao Acre Setentrional” ocuparão, acaso, lugar somenos na obra formidável de Rui Barbosa?

Só quem jamais a tenha exercido desconhecerá os labores de arte que reclama a advocacia. Ainda as causas melhores e mais ganhas não os dispensam, pois a iguaria mais fina não se serve em baixela ordinária.

Mas, senhores sócios do Instituto Histórico, meus senhores, minhas senhoras, meus bondosos tios e estimados primos, meus venerandos pais, minha amada mulher, meus queridos filhos, o traço mais saliente e marcante que ressaltou na personalidade de meu avô Dagoberto é a sua probidade, a integridade pura de seu caráter. O grande tesouro que ele legou aos seus filhos, e que estes transferiram a nós, seus netos, e que nós, de nossa parte, desejamos e pretendemos ardentemente transmitir aos nossos filhos, foi a sublime inspiração do bom exemplo, o contágio magnífico da virtude. Sim, senhores e senhoras, Dagoberto Carvalho não foi rico, teve apenas com que viver. Ele não mandou nada; não mandou em ninguém; foi um simples servidor; foi sempre generoso e bom; pôs todas as forças de seu corpo e de sua inteligência a serviço de seus semelhantes; foi um homem de coraço e de honra; foi um homem de bem.

Contemplando agora o seu retrato aqui inaugurado e que bem reflete aquela que foi, na vida terrena, sua figura

humana, serena, de traços sóbrios, mas radiante de bondade, pressinto que de dentro desta moldura, que cinge a sua imagem, o velho Dagoberto, neste instante, mesmo, fala. E que diz, nesta hora, o velho e nobre varão a seus filhos, netos, bisnetos, parentes e amigos, que dele ora se acercam? — Repete-lhes palavras do Apóstolo São Paulo, ministrando-lhes uma derradeira lição: — “*Bonum certamen certavi* — eu combati o bom combate; *cursum consumavi* — terminei a minha carreira; *fidem servavi* — conservei-me fiel aos ideais de liberdade, justiça e fraternidade; *in reliquo reposita est mihi corona justitiae* — eis porque me encontro agora acompanhado de tantos amigos que me fazem justiça.”

E assim, por sua vida, toda de trabalho, devotado à Família, à Religião, à Pátria, ao Direito e à Justiça, incorporou-se Dagoberto Ferreira de Carvalho àquele coro invisível, a que alude George Eliot, “formado de mortos que ressuscitam em ânimos por eles melhorados e vivem num pulsar só dirigido a generosos fins, em nobres feitos de ousada retitude e em remontado vôo de sublimes e claros pensamentos...”

Senhor presidente e senhores sócios do Instituto Histórico de Oeiras: a Família Ferreira de Carvalho agradece, desvanecida e jubilada, a grandeza desta solenidade. Fez-se justiça. De outros forais não precisaria o homenageado para sua triunfal apoteose no mundo cultural de nossa terra, além desta honrosa acolhida de sua imagem neste augusto recinto que lhe guardará e avivará eternamente a memória.

Imortalidade temporal e contingente, talvez, mas que para Dagoberto Ferreira de Carvalho, que foi um católico convicto e praticante, é como que a repetição daquela outra imortalidade indefectível e gloriosa, que o próprio CRISTO já lhe assegurara, na Sua palavra infalível: — “Aquele que crê em mim, ainda que esteja morto, vive...” E ele viverá ETERNAMENTE.

**Palavras com que o Sr. Presidente do Instituto,
professor Possidônio Nunes de Queiroz, encerrou
os trabalhos da sessão.**

Senhoras!

Senhores!

Todos nos sentimos alegres. Em todos os semblantes vemos estampada uma euforia contagiante, que transforma este salão num belo templo cívico, pleno de paz espiritual.

Acabamos de colocar ao lado do retrato do inolvidável Brigadeiro Manoel de Sousa Martins, desse homem valoroso que consolidou o Grito do Ipiranga, no Piauí, — (o Visconde da Parnaíba), o retrato de outro piauiense ilustre, de outro piauiense cujos serviços à causa da Justiça em nossa terra, a par de uma conduta ilibada, de uma vida sempre devotada ao bem, o sagraram na velha Oeiras, uma personalidade digna do nosso respeito e da nossa agradecida admiração.

Os oradores do dia discorreram magistralmente sobre o homem que homenageamos. O orador oficial do Instituto Histórico, o Sr. Dr. José Expedito de Carvalho Rêgo, encantando-nos, mais uma vez, com a riqueza dos seus conhecimentos e com a sua maneira elegante de dizer, traçou, judiciosamente, o perfil do inesquecível varão cuja memória, nesta data, a Velhacap, através do seu órgão mais autorizado, presta merecida homenagem.

O íntegro Magistrado, Sr. Dr. José Luiz Martins de Carvalho, neto do homenageado, falando em nome da Família,

produziu um belo discurso, em que se casaram, bem alto, em perfeita simbiose, a inteligência e o coração.

Senhores!

Como Presidente do IHO cumpre-nos, na direção dos trabalhos, encerrá-los. E, o fazendo, deixai que proclame, mais uma vez, o que todos constatamos. O nosso Sodalício está de parabéns. Cumprimos ou realizamos um ato de justiça, causa primária do nosso justo contentamento. Disse notável pensador francês que um inebriante sentimento de prazer se apossa das almas, sempre que se pratica um ato judicioso, um ato nobre. O que acabamos de fazer é um ato nobre, por isso, em o realizando, nos enobrecemos também.

O Instituto Histórico de Oeiras vive hoje um grande dia. Um dia que se vai agregando, — e quanto a esta cerimônia — que já se agregou aos faustos de nossa história. Sim, porque no tempo não podemos ampliar o presente. De concreto, pode dizer-se, só temos o passado. A hora magnífica, excelente, que fruimos, os discursos aqui ouvidos, — fruto luminoso de duas inteligências de escol —, tudo o que aqui se realizou já pertence ao passado. Do presente, temos, ainda, a nossa satisfação, a nossa grande satisfação, a nossa imensa satisfação.

O Instituto Histórico de Oeiras agradece, comovido, a presença de todos quantos se dignaram abrilhantar esta cerimônia. A Família do Major Dagoberto Ferreira de Carvalho, de saudosa memória. As autoridades, aqui presentes ou representadas. E pede permissão, a todos, para destacar, neste agradecimento, a pessoa do culto Magistrado, Sr. Desembargador Anísio Martins Maia, provecto Procurador Geral do Estado, aposentado, cuja presença deu especial relevo a este ato, pois, cultor do Direito, homem que por muitos anos teve assento no Egrégio Tribunal de Justiça do Piauí, nos trouxe, nesta festa de reconhecimento dos méritos de outro vulto, que foi aqui, estrênuo servidor de TÊMIS, a colaboração e o prestígio da Justiça.

Está encerrada a sessão.

**Sessão Solene do Instituto Histórico de Oeiras,
comemorativa do centenário de nascimento de
Dagoberto Ferreira de Carvalho, realizada às
20 horas do dia 18 de julho de 1976.**

Discurso do Presidente do Instituto, professor Possidônio Nunes de Queiroz.

A magnificência desta festa, verdadeiramente oeirense, se reveste de alto cunho cívico, e de um preito de merecida homenagem à memória de um cidadão probo, reto, inteligente, amante da verdade, e que, por isso mesmo, pelos altos predicados morais de que sempre esteve encouraçado o seu espírito privilegiado, serviu à causa da Justiça em nossa terra, durante muito tempo, sempre cercado da estima e do respeito dos seus concidadãos.

Espírito austero, leal, atreito ao estudo da Ciência do Direito, que cultivava com carinho, colocou-se em posição de relevo entre os membros do Ministério Público no Estado, mantendo-se indormido, sempre vigilante na defesa dos altos interesses da Sociedade.

Promotor Público da Comarca de Oeiras mais de vinte anos, refugiou-se, a toda a força, de influências externas, isto é, dos chefes locais, amurando-se na fortaleza dos seus conhecimentos e de sua consciência, para ver, tão-somente, os sagrados postulados do Direito e da Razão. Pareceria talvez intransigente ou ingrato, quando desatendia solicitações para as quais não encontrava razões ponderosas de atender. Ai, acastelava-se no círculo dos seus deveres de estrênuo defensor

da Lei, e, sem fazer injustiça, via apenas o lado que a consciência jurídica lhe apontava, como reto, indiferente ao pressuposto de estar desagradando. Bastava-lhe a certeza do dever cumprido.

Em rumoroso processo criminal, que marcou época em nossa terra, lutou tenazmente, com as armas que lhe ofereceu o Direito, contra decisões do Tribunal Popular, recorrendo de suas sentenças para o Colendo Areópago de Justiça do Piauí; tendo em uma das apelações arrancado, merecidamente, do preclaro Desembargador Francisco Pires de Castro, eminente Procurador Geral do Estado, a seguinte afirmação sobremaneira elogiosa: (e isto depois de haver S. Exa. discorrido longamente, em judicioso parecer) — “Nada tenho a acrescentar às razões de fls. do esforço Promotor Público.”

Senhores!

Todos sabem que falamos a respeito da personalidade do Exmo. Sr. Dagoberto Ferreira de Carvalho, desaparecido há vinte e cinco anos, e cujo centenário de nascimento hoje comemora, nesta justa homenagem, o Instituto Histórico de Oeiras.

Filho da cidade de São João do Piauí, onde nasceu a 18 de julho de 1876, transferiu-se para Oeiras aos vinte anos de idade, e aqui assentou arraiais, e fez de nossa terra a sua terra.

Moço sério, idealista, portador de uma destinação que o impelia para o labor honesto e para o estudo, aqui chegando procurou o Major Selemérico Newton de Carvalho, um dos mais destacados varões da velha terra, com quem laborou no comércio, chegando a ser seu sócio, tendo feito com o citado Major Selemérico, homem de sólidos conhecimentos do vernáculo, estudos de português.

Por aqueles dias estava prestes a eclodir a monumental pugna filológica travada pela gigantesca cerebração de RUY BARBOSA e o eminente gramático — um dos maiores do Brasil — o professor Ernesto Carneiro Ribeiro.

A três de abril de 1902, apresentava a ÁGUIA DE HAIA, o seu célebre parecer, ao Senado, sobre a redação do Projeto do Código Civil. Nele, verberava o Mestre insigne, a linguagem em que se vazara o mesmo projeto de lei, em muitos pontos manca, solecista. RUY predicava para o Código Civil uma linguagem castiça, marmórea, estreme de vícios, para que, de futuro, não viesse o mesmo código a ser refugado das escolas “por corromper o falar da mocidade”. Porque, acrescentava o Gigante da nossa cultura, num desabafo dolorido: — “... uma raça cujo espírito não defende o seu solo e o seu idioma, entrega a alma ao estrangeiro, antes de ser por ele absorvida.”

O nosso homenageado estudou o idioma pátrio, com um conhecedor e amante do idioma, naqueles dias em que se dava ao cultivo da “última flor do Lácio”, na linguagem esplendente de BILAC, todo o cuidado, todo o interesse, todo o amor, todo o carinho.

Ressumbram, dos trabalhos do nosso homenageado, correção, aprumo gramatical e clareza de linguagem. Lendo-os, não se tem dificuldade de penetração. Para logo se lhes surpreende o sentido. “Quando a frase é simples e pura, através dela penetra diretamente a inteligência ao encontro do pensamento escrito.” Isto, de RUY, foi assimilado pelo Major Dagoberto Carvalho. Dezenas de autos estão aí, nos cartórios; nesses autos, muitos escritos do antigo Promotor Público de Oeiras. A leitura desses autos revela o que asseveramos.

Orador, era vibrátil e convincente. Sabia enlear, atrapar o rival nas pugnas travadas nos recontros criminais no Tribunal do Júri, e sabia também ser compreensivo, magnânimo. Por convite do nosso antigo Professor, o Exmo. Sr. Des. Pedro Amador Martins de Sá, tivemos, quando moço, de fazer a defesa de um homem que matara outro a faca. Enfrentamos o nosso inolvidável homenageado, tomado de respeito e medo justificado. Ele foi generoso para conosco. Não só não nos atrapalhou, como desistiu do direito de réplica. Susten-

tamos a tese da legítima defesa própria, e ele, certamente, não a repudiava.

Nas festas cívicas, lembramo-nos ainda da sua voz. Tínhamos dezesseis anos. Éramos aluno do Externato Oeirense, fundado e dirigido nesta cidade, pelo ilustre e culto conterrâneo, Dr. João Ribeiro de Carvalho, de saudosa memória, e cujo nome pronunciávamos sempre com o mais profundo respeito, homem que prestou à nossa terra, onde sempre viveu e morreu, assinalados serviços. Pois bem. O Externato Oeirense, ao lado das autoridades locais, festejou, condignamente, em 1922, a passagem do primeiro centenário de nossa emancipação política. O nosso homenageado foi o orador oficial.

No centro da antiga Praça da Matriz, hoje Praça das Vitórias, um grande mastro. No topo, tremulando em panejamentos sublimes, e agitando-se ao sabor das auras setembrinas, abençoando os céus de Oeiras, a Bandeira do Brasil. Entoou-se o Hino Nacional. O momento era grandioso. Um arrepio cívico tangenciava todas as almas. O orador estava inspirado. Cantavam-lhe na alma e no coração, os feitos heróicos da Pátria, nos cem anos que celebrávamos. Olha, no alto, o Pavilhão, que estremece, supino, pompeando lindamente no azul. Recita os quatro primeiros versos da conhecida estância de Castro Alves; e depois, eloquente, erudito, inflamado, traz o auditório preso de sua oração quente, patriótica. Esse orador, outro não era que senão o nosso homenageado.

Pai de família respeitável e respeitado, era o Major Dagoberto Carvalho, no meio dos seus, em nosso meio, uma figura patriarcal, levando vida pacífica e virtuosa.

Espírito forrado de alto sentimento religioso, era belo de ver, como todos os domingos, ele saía, cercado dos filhos, comandando-os, em direção da nossa Matriz para a Missa das nove.

Educado na escola do respeito à moral e aos bons costumes, pai estremo, afável, orientador seguro, deu aos filhos

o culto da verdade, o amor do trabalho, a paixão da honra e da virtude.

Embora nascido em outra terra, fez da nossa, a sua terra, pelo sentimento cívico e pelo coração. Na época em que as forças físicas, o esplendor da mocidade lhe sacudiam plenamente o ser, em que os sonhos mais caros lhe povoavam a mente, nessa quadra merídia da vida, deixa o torrão natal e vem plantar, na Velhacap, na sua, em nossa Oeiras, com a resolução de o ser para sempre, o seu canteiro de trabalho.

Aqui constituiu família; aqui educou superiormente os filhos; aqui desenvolveu as suas atividades cívicas e intelectuais; aqui serviu com lisura e competência à Justiça; já, durante um poder de anos como Representante do Ministério Público, guardião estrênuo da Sociedade, já, como advogado; aqui sonhou, lutou aforçadamente, venceu, sofreu, impôs-se à admiração e ao respeito de todos; brilhou no campo da cultura e da inteligência; aqui — porque elegera esta terra, sua, para sempre —, aqui fechou os olhos ao bulício do mundo, no dia 7 de dezembro de 1951; aqui, em nossa necrópole, lhe repousam os restos mortais à espera do grande dia de que nos fala a Religião, — dia em que, ao toque medonho das Trombetas de Jeová, mais forte e mais terrível que o daquelas que sacudiram e puseram por terra os muros de Jericó, ressuscitará, sereno, para a recepção do prêmio prometido pelo Rabi da Galiléia, aos justos, aos que souberam atravessar os caminhos deste atribulado planeta, praticando, seguindo as verdades que Ele ensinou.

ROCHA POMBO — notável historiador patricio — afirmou que todo ser humano, qualquer que tenha sido a parte do orbe em que haja nascido, merece a nossa estima, o nosso respeito, desde que seja uma criatura digna. Mas, acrescentou o historiador emérito, aqueles que nasceram na mesma pátria, que falam a mesma língua, que veneram os mesmos antepassados, que cultuam os mesmos símbolos nacionais, estes são os nossos por excelência, partícipes do mesmo ideal, membros da mesma comunidade.

O major Dagoberto Carvalho é um dos nossos. E neste momento, com a convicção de quem proclama uma verdade inapelável, conclamamos, judicioso, esta respeitável Assembléia para que o proclamemos, orgulhosamente, cidadão oeirense. (Palmas.)

Essa honraria já o não atinge mais; já não pode enviá-lo, morto que se encontra fisicamente. Mas é uma recomendação ao nosso civismo, ao nosso reconhecimento fraterno, declarar pertencente ao panteão oeirense um homem respeitável, que trabalhou em nossa terra a vida toda, que durante toda a vida fez de sua inteligência e de sua cultura um ideal de servir à comunidade onde lhe nasceram os filhos, dos quais se orgulha, e com muita razão, o nosso torrão natal. (Palmas.)

O nosso homenageado muito quis à terra em que nascemos, e que era também sua, veneradamente sua, pelo coração. Sua, porque aqui se ligou pelos laços da alma, em feliz himeneu, a distinta jovem de nossa Sociedade e com a qual viveu em harmonioso consórcio até que a Morte a levou. Sua, porque lhe nasceram aqui, debaixo dos céus amigos da terra mater, os filhos queridos, pedaços do coração alvo-rogado, que se debruçou genuflexo, sobre o pequeno berço, de cada um, para a emocionante homenagem paternal.

A esses filhos, conduziu-os pelo estreito caminho da honra e da virtude, ensinando-os a amar a Deus, à Pátria, à Família e à Sociedade. Os filhos assimilaram a veneração, o amor que o pai tinha por Oeiras, e se esforçaram por crescer, por distinguir-se em vários campos da atividade humana, cientes de que assim o fazendo, projetando-se, era a terra querida que homenageavam e projetavam.

Senhores!

Temos dito alguma coisa sobre o homenageado. Alguma coisa por onde concluamos da justeza desta homenagem. Falamos mais para os novos, porque aos da nossa geração, a esses nada precisaríamos dizer. Esses poderão discorrer sobre

o sentido desta festa, completando as lacunas que a deficiência mental vai deixando.

Poderemos afirmar que o Major Dagoberto Ferreira de Carvalho, cujo primeiro centenário de nascimento hoje comemoramos, desaparecido de entre os vivos, há um quarto de século, continua vivo na memória dos que o conhecemos e admiramos. Continua vivo na pessoa dos filhos e na da descendência ilustre e numerosa.

Dos filhos do ilustre varão — todos contribuindo honestamente para a grandeza de nossa terra — desejamos, com permissão dos familiares, focalizar, neste momento, a personalidade de dois. A homenagem é ao pai. Mas, ele, se vivo fosse, haveria de convir nesse pequeno desvio, que é, não há dúvida, um remate necessário, um complemento a esta festa de saudade, de reconhecimento, a esta festa, que é, antes de tudo, um preito de justiça a quem serviu zelosamente à terra em que o Piauí nasceu.

Senhores!

Abramos o sentido desta homenagem! Abramo-lo, como se fora um grande pátio, e acolhamos debaixo dele os Exmos. Srs.: Des. Antônio Santana Ferreira de Carvalho e Gen. Abimael Clementino Ferreira de Carvalho.

O primeiro, Magistrado aposentado. Homem que serviu à Justiça, no Piauí, em várias Comarcas, aplicando com integridade aqueles princípios jurídicos, que ouviu ao pai ilustre. Homem que serviu ao Direito, também, no mesmo palco em que retamente serviu o genitor. Homem que possuindo, como o autor dos seus dias, profundo amor à Velhacap, quer sempre viver à sombra dos seus muros amigos, contemplar sempre a poesia dos seus poentes esbraseados, ouvir sempre a magia encantadora da música dos seus sinos.

O segundo, o Exmo. Sr. General Abimael Clementino Ferreira de Carvalho, militar brioso, uma das legítimas reservas morais da Pátria, discípulo fiel de CAXIAS, cujo exemplo e cujas virtudes seguiu de perto. Homem, que a serviço da

terra comum, e como membro destacado do Exército Nacional, desempenhou, ao longo do território da Terra de Santa Cruz, importantes missões, por vezes arriscadas. Homem, que em momentos difíceis da vida do País, quando os maus políticos punham em perigo a sobrevivência do regime, esteve sempre indormido. Gonfaleiro admirável, por vezes empunhando o estandarte da Revolução, sempre vigilante, defendendo, intemorato, a sobrevivência, a soberania da Pátria, ante cujo altar esteve em constante vigília. Homem, cuja vida ilibada é uma cartilha cívica, aberta a todos nós para o aprendizado necessário de como servir à terra, que, não sendo de nenhum, a todos pertence por igual, e que, sendo de todos, impende sobre a totalidade de seus filhos o dever de amá-la, defendê-la, opulentá-la.

Exmo. Sr. General Abimael Carvalho!

Na pessoa de V. Exa., queremos sintetizar tudo quanto de grandioso se encerra nesta sessão. Tudo quanto de judicioso nela se contém para a homenagem calorosa ao ilustre pai de V. Exa., em louvor de quem nos achamos aqui presentes.

O Major Dagoberto Carvalho soube imprimir no espírito de V. Exa., nos primeiros dias de sua infância, e através dos anos, os primorosos sentimentos que exornam a sua personalidade. O amor com que o seu genitor estremeceu a nossa Oeiras, reside no coração de V. Exa., vívido, quente, quase diríamos ampliado. A imagem de nossa terra, tem-na, V. Exa., de contínuo ante os olhos, na lembrança, no imo do ser. Por isso, embora por força das circunstâncias residindo fora, almeja, V. Exa., vir dormir aqui, o grande sono, quando sentir que lhe soa, aos ouvidos, o chamamento irresistível.

Esse desejo, esse querer, no-lo proclama a nobreza de sua vida. O seu amor à Pátria é um reflexo do seu grande amor a Oeiras. Mas, para que dúvidas não houvesse, é V. Exa. quem o diz. Em notável conferência proferida em nosso Instituto Histórico, e neste salão, a 27 de janeiro de 1973, depois de entoar um férvido e comovente hino à Velhacap, afirmou V. Exa. que se pudesse viria fechar os olhos aqui, na terra ber-

ço, imitando aqueles animais e pássaros oriundos de certa floresta, cantada em versos por um poeta polaco, os quais, em sentindo aproximar-se o fim, iam todos, correndo ou voando, expirar à sombra do bosque umbroso onde haviam nascido.

Evocando a bela imagem do poeta polaco, nos deu V. Exa., de maneira encantadora, a medida do seu amor a esta gleba abençoada. E é, evocando, também, a mesma belíssima imagem, que pedimos a V. Exa., receba, a mãos ambas, esta homenagem sincera, esta homenagem do coração, esta judiciosa homenagem, para transmiti-la a todos os familiares, ajudando-nos, assim, a tornar mais palpitante, mais viva, esta celebração que o Instituto Histórico de Oeiras faz da passagem do primeiro centenário de nascimento do Major Dagoberto Ferreira de Carvalho, seu amorável genitor, nosso honrado e ilustre conterrâneo, cuja memória, neste momento, cultuamos com respeito e grande calor humano.

**Discurso de agradecimento do Gen. Abimael
Clementino Ferreira de Carvalho.**

O nosso homenageado de hoje, senhores membros do Instituto Histórico de Oeiras, Dagoberto Ferreira de Carvalho, foi, e com que satisfação o digo: meu Pai!

E, neste 18 de julho, quando a família Ferreira de Carvalho e o Instituto celebram o seu centenário de nascimento, revejo-o com os olhos do menino, do moço e do homem já feito.

Do menino, na segunda década do século que entra agora no seu último quartel. Era, na casa paterna, aquela que

tenho ainda presente
na lembrança,
a casa onde nasci,
de bica e biqueira,
na Praça das Vitórias
bem defronte da Igreja Matriz;
na frente uma porta, cinco janelas;
no oitão, uma porta... apenas...

e que,

noje, embora mutilada,
para a rua alargar,
aos que vêm com os olhos da saudade,
pouco difere do que dantes fora.

E lá, tendo ao lado minha Mãe, que lhe foi na vida a primeira companheira dedicada e boa, anjo tutelar de trinta anos de existência em comum, a ensinar com a palavra e com o exemplo, ele, meu Pai, Dagoberto Ferreira de Carvalho.

Figura de homem à antiga, cativava admirações e simpatias gerais, pois a par de austeridade impecável, correção e coerência de atitudes, era de uma bondade a toda prova, tendo para com ricos e pobres, humildes e poderosos, a mesma lhaneza de trato, que o caracterizava como um *gentleman*.

Paradigma para os filhos, os seis rebentos do seu amor, que idolatrava, foi por eles, que o consideravam um semideus, correspondido no afeto. E o respeito e amizade que eles lhe tinham chegavam às raíças da veneração, veneração que, com o passar dos tempos, 25 anos depois do seu desaparecimento de entre os vivos, não arrefeceu e é devotada, com idêntico fervor, à sua memória imperecível. E, pelo mundo afora, todos, não obstante as asperezas dos caminhos, as mais das vezes íngremes, tudo vêm fazendo para não olvidarem os ensinamentos recebidos. De minha parte, declaro — e o faço humildemente, porém ufano — hei procurado, com esforços quase sobre-humanos, confesso, tantas as encruzilhadas, a cada passo, nas estradas palmilhadas, não lhe deslustrar o nome, bendita herança que, peço a Deus, este Deus de todos os tempos, da meninice e da velhice, conceda-me, como prêmio maior da vida, o privilégio de poder legá-la, intacta, aos meus descendentes.

Do moço, lá pelos idos dos anos 20, ele já cinquentão, e um tanto avelhantado, menos pela idade que pelos efeitos de pertinaz enfermidade alérgica, que o atormentou desde a juventude — em andanças no serviço de venda de gado, na companhia de um padrinho, José Martins de Sousa Estrela, por terras do Ceará e da Paraíba — até a velhice, mas ainda elegante no porte e no traje, e firme, como o foi sempre, nas atitudes e nas ações. Era o mesmo da minha meninice, a ensinar com o exemplo e com a palavra. E ante os vendavais da vida, que não foram poucos, em um meio pequeno e atrasado, no qual o pobre lutava com as maiores dificuldades

para o próprio sustento e da família, não podendo, nem de longe, pensar em mandar os filhos para o estudo, nos grandes centros — e, para ele, homem de cultura, a formação intelectual dos seus deveria constituir-se preocupação constante — não se deixou vencer. Ao contrário, e, graças à fé inabalável que o acompanhou do berço ao túmulo, jamais foi dominado pelo pessimismo.

Crente, de convicções arraigadas nos sólidos e sãos princípios da moral e da razão, com o correr dos tempos transformou-se num estóico. E como tal é que o vi, há 50 anos passados, com os olhos do moço que era, no dia em que aqui me fui, levando comigo um mundo de esperanças, tantas as ilusões próprias da idade. Silencioso, enquanto minha Mãe chorava baixinho, conservava-se ele sereno e tranqüilo, a infundir confiança, dando o exemplo, como era de seu hábito. E naquela hora, a da despedida, deveria estar com o pensamento voltado para o futuro incerto do filho, que partia rumo ao desconhecido, em busca de um destino melhor. Este, senhores, o pai que o filho revê com os olhos do moço.

Passaram-se os anos. O filho volta uma, duas, várias vezes, ao lar. Já não encontra aquela que lhe dera o ser, levada que fora para a eternidade. Em seu lugar, substituindo-a, uma irmã, que seria a segunda companheira dedicada e boa de seu velho Pai e que o acompanharia, carinhosa e permanentemente, durante os seus últimos 20 anos, assistindo-o nos derradeiros momentos, quando da agonia final, na manhã de 7 de dezembro de 1951.

Nas oportunidades em que, então, aqui estive o filho para homenageá-lo, com o conforto da presença, e acompanhado da família, que em boa hora constituíra, à frente a amiga de todos os instantes, os de alegria e os de tristeza, a mulher amada, já ele estava curvado sob o peso dos anos. Alquebrado, fisicamente, permanecia, porém, lúcido de espírito e de inteligência. Não mudara. A sua trilha continuava a ser, como o seria até o fim, a de todos os tempos: a linha reta. E foi assim que, já com a responsabilidade de Oficial do Exército do Brasil, tive a felicidade de tornar a vê-lo, como

já o vira antes na meninice e na mocidade, e agora o revejo: ensinando com a palavra e com o exemplo.

Nascido a 18 de julho de 1876, por singular coincidência, veio ao mundo, pode-se dizer, juntamente com a Igreja Matriz de sua cidade natal, cujo centenário foi, não faz muito, comemorado, festivamente, em São João do Piauí. Digo singular coincidência porque Dagoberto Ferreira de Carvalho haveria de ser, sem tergiversações e tibiezas, embora sem carolice, porque não foi homem de sacristia, um católico por princípio e convicção. A sua vida, toda ela, viveu-a cristãmente.

Homem de fé, jamais perdeu a esperança e nunca deixou de fazer a caridade, como esta deve ser feita: sem alarde, dando com a mão direita sem que a esquerda o soubesse. A sua porta de pobre, o mais pobre não batia em vão. E muitos daqueles que até lá não chegavam, tolhidos pelo respeito humano, se bem tão necessitados quanto os pedintes, eram, vezes sem conta, nos próprios domicílios atendidos.

Eminente escritor francês, mesmo não pertencendo à IGREJA, certa feita, quando periclitavam os destinos de sua pátria, não hesitou em afirmar “que não tinha fé, para ajoelhar-se na nave de um templo, mas ficaria nos umbrais, de espada na mão, para evitar que os incrédulos ousassem macular a beleza da religião em que enxergava o sustentáculo mesmo da grande França, da França imortal e eterna”.

Meu Pai, senhores, homem de fé — e que se ajoelhava nas naves dos templos — não de espada na mão, mas com a palavra, esteve sempre alerta, na defesa da religião herdada dos seus maiores e que transmitiria aos que lhe sucederam. Desta religião que, não obstante a perspectiva de dias difíceis, no futuro, tão conturbada se apresenta a situação do mundo atual, continua a ser o sustentáculo maior da pátria brasileira que, como a grande França, também é imortal e eterna.

Ainda com referência aos princípios da sua religião, lembro-me como se hoje tivesse ocorrido, já passado mais de meio século, de resposta a interpelação que, movido pela inquietude

tação e curiosidade muito comuns aos jovens, fiz-lhe quanto a dúvida que pairava no meu espírito. Não posso precisar bem se relacionada ao mistério da Santíssima Trindade ou se à virgindade de Maria de Nazaré. Paternalmente, mas sem deixar margem a novas interrogações sobre assuntos religiosos, respondeu-me com palavras, se não idênticas, muito semelhantes a outras que, anos depois, li em escritor católico: "A IGREJA é um bloco monolítico: ou aceitamos tudo ou não aceitamos nada. Aceitá-la aos pedaços é que não é possível." A mim me bastou. E, até hoje, mesmo correndo o risco de ser acoimado de atrasado, retrógrado ou "quadrado", como atualmente se usa, não discuto religião, e a minha, aceito-a tal qual ela é, porque nela vejo a doutrina pregada pelo Cristo, que é o meu Deus.

Filho de Rodrigo Ferreira de Carvalho e Lavínia Isabel de Carvalho, foi o 8.º dos 17 filhos do casal. Pelos lados paterno e materno descendia, dentre outros, do português João José Ferreira de Carvalho e Gertrudes de Santana, esta filha do português Valério Coelho Rodrigues e da paulista Domícia Vieira de Carvalho; de Francisco de Sousa Mendes e Maria do Rosário de Sousa Martins; de Carlos José de Carvalho e Joaquina Freire de Andrade; de Vicente Soares da Silva e Maria Soares da Silva; de Manuel Francisco Ramos e Ana de Araújo Costa; de Domingos Gomes Caminha e sua mulher, que foram trisavós seus; de Joaquim de Santana Ferreira e Teresa de Jesus Maria; de Manuel Francisco do Nascimento e Antônia Maria de Jesus; de Arnaldo José de Carvalho e Luísa Maria da Conceição; de Reinaldo Soares da Silva e Renovata Ferreira de Carvalho, seus bisavós; de João Ferreira de Carvalho e Maria Josefa do Nascimento; de Joaquim José de Carvalho e Ana Isabel de Carvalho, seus avós.

Em São João do Piauí e na Fazenda Deserto, no município de Simplicio Mendes, viveu ele a meninice e os primeiros anos da juventude.

Frequêntou apenas escolas de primeiras letras que, pelas matérias que ensinavam, nem sequer podem ser catalogadas como de curso primário. E, do convívio com o pai, homem

letrado e de prestígio social, que chegou, no Segundo Império, a ser agraciado com o título de Cavaleiro da Ordem da Rosa, bem como de outras pessoas de nomeada, deve ter tirado grande proveito, pois bem moço possuía cultura incomum para um rapaz do interior, que de sua cidade tivera oportunidade de afastar-se uma única vez. E por pouco tempo, quando andou, conforme já foi dito, pelos sertões do Ceará e da Paraíba.

Não foi muito, portanto. E, no que pese a precariedade de meios, o atraso da terra e as dificuldades da época, o moço, sem escola e sem mestre, continuou a estudar e a aprender. E num belo dia, da antiga e pequena povoação do Jatobá, a já florescente cidade de São João, situada à margem esquerda do "Piauí", rio que lhe complementou o nome, e cujas águas barrentas banham as suas terras, teve ele de partir à procura de horizontes mais largos, que lhe propiciassem mais facilidades na luta pela vida. Não pôde, porém, a exemplo de muitos do seu tempo, por falta de recursos, ir muito longe. Teve de contentar-se com outra cidade do interior piauiense.

A 28 de outubro de 1896, com 20 anos, aportava ele a Oeiras. Aqui, nesta terra hospitaleira e boa, em cujo Cemitério do Sacramento repousa o sono derradeiro, desde 1951, viveu 55 dos seus 75 anos de existência.

Chegando à cidade, que breve elegeria como se a sua fora, de logo relacionou-se com as pessoas mais gradas do lugar. Algumas, bem mais velhas do que ele. Dentre elas, Selemérico Newton de Carvalho e Benedito de Sousa Brito. Da convivência íntima com os dois, autodidatas de alto mérito, homens cultos, jornalistas de primeira plana, muito lucrou no aprimoramento de seus conhecimentos, que se foram alargando à medida que passavam os dias, transformando-se, afinal, no advogado e primoroso orador que foi.

Convolou núpcias, na cidade de Oeiras, no dia 28 de outubro de 1900, isto é, quatro anos, exatamente, depois de haver chegado à terra que adotara. Foi sua primeira mulher Eulália Clementino Martins de Carvalho, filha de Manuel

Clementino de Sousa Martins e Francisca Clementino de Carvalho; descendente ela, Eulália, do português Manuel de Sousa Martins e Ana Rodrigues (1); esta filha de Valério Coelho Rodrigues; de Carlos José de Carvalho e Ana Joaquina Freire de Andrade (2); de Francisco Pereira da Silva e Isabel Josefa da Conceição (3); de Manuel de Sousa Martins (Visconde da Parnaíba) e Josefa Maria dos Santos (4); de Inácio de Araújo Costa e Isabel Pereira da Silva; de Francisco de Sousa Mendes e Maria do Rosário de Sousa Martins (5); seus trisavós; de Joaquim de Sousa Martins (Comandante das Armas da Província do Piauí) e Teresa de Jesus Maria; de Raimundo de Sousa Martins e Umbelina de Sousa Martins; de João Antônio de Carvalho e Francisca de Carvalho, que foram seus bisavós; de Manuel Clementino de Sousa Martins (o herói da Balaiada) e Maria Josefa de Sousa Martins; de Manuel Antônio de Carvalho e Eulália de Carvalho, seus avós.

Do consórcio, nasceram seis filhos: Manuel, Godofredo, Maria da Conceição (falecida), José, Abimael e Antônio. Dos netos, em número de 30, faleceram 3, dentre eles o Capitão do Exército Antônio Márcio Martins de Carvalho, de saudosa memória, aos 35 anos de idade. Até o presente, são 45 os seus bisnetos.

Enviuvando, a 14 de agosto de 1930, contraiu segundas núpcias, em 1931, com uma irmã germana da primeira mulher, Maria Josefa Clementino Martins de Carvalho, que pouco lhe sobreviveria, não havendo descendência do segundo casamento.

De início, em Oeiras, dedicou-se ao comércio. Primeiramente, trabalhou com Selemérico Newton de Carvalho, de quem mais tarde veio a ser sócio. Outra sociedade, encerrada a primeira, manteve-a com o seu concunhado, Antônio Leônicio Pereira Ferraz. Falecendo este, ficou só, à frente do negócio. Pouco tempo no entanto, porque lhe faltava a vocação indispensável à arte de comerciar. Talhado para misteres diferentes, jamais seria um especialista nos domínios de Mercúrio. E, sem haver freqüentado escola de direito, passou do

balcão de uma loja a um escritório de advocacia. E foi um grande advogado.

Para secundar a asserção, se preciso, não me faltariam testemunhos. Aqueles que o conheceram mais de perto, e, especialmente, os que com ele chegaram a privar, tenho certeza, o comprovariam. E Possidônio Nunes de Queirós, admirável figura humana, professor, jornalista, historiador e cultor emérito da língua em que escreveu Camões, "última flor do Lácio, inculta e bela", de que nos fala Bilac, e também advogado; e outro espírito de escol, José Expedito de Carvalho Rêgo, médico, professor, jornalista, poeta, escritor e profundo conhecedor do idioma em que pontificou o gênio imortal de Victor Hugo, já falaram e já disseram o que foi Dagoberto Ferreira de Carvalho: o advogado, o cidadão, o exemplar chefe de família, o homem público, o intelectual, nas eruditas orações pronunciadas, o primeiro, há pouco, na qualidade de orador deste sodalício na presente sessão e o segundo, na manhã de hoje, ao ser inaugurado o retrato do homenageado na galeria do Instituto, ao lado do grande piauiense e brasileiro, que foi Manuel de Sousa Martins, Visconde da Parnaíba.

Ante o exemplo de meu Pai, que se houvesse podido estudar em meio mais desenvolvido, cursar uma faculdade, teria sido, dúvida não tenho, não apenas no ambiente restrito e acanhado onde viveu, mas no Brasil, um nome nacional na ciência do direito, fico a pensar, com profundo sentimento de melancolia, quantas vocações, quantas inteligências, de moços pobres, por esse Brasil se perderam, não só por carência de meios, mas, sobretudo, por falta de orientação e amparo de parte dos poderes públicos. Estes, a meu ver, deveriam, em casos especiais — e, em tempos passados, aqui, na Província, assim se fez, merecendo citado José Sérvio Ferreira, primo dele, Dagoberto, piauiense dos mais ilustres já nascidos na terra manfrensina, e que tanto a dignificou, cujos estudos, no Rio de Janeiro, ficaram a cargo do Tesouro Público — tomar a si, como obrigação, a instrução dos jovens que se revelassem de inteligência fora do comum e não tives-

sem possibilidades de custear os seus estudos. Francamente, razão, muita razão, razão de sobra, teve o escritor, esse ho-de letras, que é José Américo de Almeida, quando, com palavras de fogo — que pela segunda vez na vida tomo de empréstimo — num excelente estudo que retrata de corpo inteiro e em cores vivas a seca no Nordeste, sentenciou: “Há uma miséria maior do que morrer de fome no deserto: é não ter o que comer na terra de Canaã.”

Quantos moços, repito, por esse Brasil imenso, que tanto poderiam ter sido úteis, de maneira mais eficiente e produtiva, à pátria, que muito necessita do concurso de todos os seus filhos, se deixaram ficar pelo interior, numa estagnação dolorosa, uns sem nada produzirem, outros, pouco fazendo, a esbanjarem preparo e inteligência que, se cultivados, convenientemente, muito teriam dado ao País.

Por sorte, prazerosamente o registro, no presente, com a instituição do “Crédito Educativo”, o Governo Federal busca, senão resolver, amenizar a situação do pobre que, de fato, queira estudar. Oxalá, a medida, merecedora de aplausos, não venha a ser desvirtuada, na prática, como já tem acontecido a tantas outras, não menos louváveis.

Como advogado, ele, meu Pai, militou por mais de 30 anos no foro da cidade de Oeiras, estendendo as suas atividades profissionais às circunvizinhas de Simplicio Mendes, São João do Piauí e Picos.

Foi, por mais de uma vez, Promotor de Justiça da Comarca, sendo que da última até o ano de 1931, quando, por motivo de saúde e já com 55 anos, teve de afastar-se da vida pública. Também, por algum tempo, exerceu as funções de Agente de Rendas Federais, em Oeiras, e, em 1920, quando do recenseamento geral então realizado no País, dirigiu os trabalhos sensitários na cidade e no município.

Na tribuna do júri, ora na defesa, em que ficava mais à vontade, por ser o ambiente que lhe era mais propício, porque nascera para defender e não para acusar, ora na acusação, como representante do Ministério Público, defrontan-

do-se, muitas vezes, com opositores formados e de alta nomeada, sempre se distinguiu, sendo respeitado e acatado.

As suas orações no Tribunal do Júri e as alegações forenses, em defesas no cível, se houvessem sido reunidas e publicadas dariam alentado volume. Pena é que, por excesso de modéstia, achou por bem não conservar as suas produções. E seus filhos, que deveriam tê-lo feito, por descuido, injustificável e imperdoável, não o fizeram, razão por que nada, absolutamente nada, ficou do que produziu. E isso, não somente no que diz respeito ao advogado, porque também nada restou do orador de escol, de primeira grandeza, que ele foi. De escol, de primeira grandeza, sim, porque dou o meu testemunho, que pode parecer suspeito, mas é verdadeiro: tenho ouvido oradores, os maiores e mais brilhantes, porém, afianço-vos, Dagoberto Ferreira de Carvalho, pela espontaneidade da palavra, pela beleza da frase, pela análise da manifestação, deles não se distanciava. Uma particularidade: nunca o vi ler um discurso! Por mais demoradas que fossem as orações, não as lia. Preparava-as, é verdade, sempre que havia tempo.

Aliás, Costa Rêgo, jornalista e homem público da República Velha, em comentário a notável conferência de João Mangabeira, que não a escreveu, como era hábito seu, proferindo-a, portanto, sem ler, e que, depois, recomposta e ampliada, resultou no magistral livro *Rui — o Estadista da República*, faz ver que, geralmente, mesmo não lidas, muitas peças oratórias não podem ser consideradas como de improviso, porque o comum é o orador estudar o assunto, coligir os dados, esboçar o plano, fazer o esquema, para então pronunciá-las. E João Mangabeira, em “Uma Explicação”, à guisa de prefácio ao livro citado, informa que não escrevera o trabalho, mas, também, não o improvisara, porque estudara-o convenientemente e traçara o plano da conferência.

Meu Pai não fugiu à regra. Escrevia ou planejava os seus discursos. E, memória privilegiada, falava longamente, com a eloquência do orador de raça, que o era, empolgando e embevecendo os auditórios. Dentre as muitas vezes que o ouvi,

na tribuna do júri, na praça pública ou em solenidades em recintos fechados, recordo, com a lembrança viva que em geral se tem de fatos e coisas da meninice, de duas orações por ele pronunciadas: uma por ocasião das comemorações do primeiro centenário da Independência do Brasil e a outra quando da entronização da imagem de Cristo, no salão do Tribunal do Júri. Duas peças literárias de alto valor, pela forma e pelo conteúdo, que, sem favor, poderiam figurar em antologias de escritos escolhidos, das que são usadas nas escolas públicas e particulares. E não foram poucas as suas produções — já que no seu tempo foi o orador principal nos acontecimentos de maior importância na cidade — que, a exemplo das duas mencionadas, mereciam ter sido guardadas em páginas de livros.

Uma ocasião, conversando com um parente, homem de inteligência viva e dos mais espirituosos que já conheci, Joaquim Santana Ferreira, dele ouvi, muitos anos depois de morto meu Pai, que no casamento de um amigo proferira Dagoberto uma saudação que embevecera a todos os presentes e da qual, dezenas de anos decorridos jamais se esquecera. Fora, afirmou-me, uma análise profunda sobre o significado do Sacramento do Matrimônio. E tal a beleza e colorido das palavras que jorravam em catadupa da boca do orador, que indelével seria a impressão que lhe ficara. Verdadeira obra de ourivesaria, filigrana tecida delicadamente com fios de ouro, dizia, que o encantara e aos demais assistentes. E, com pesar, digo eu: também não se conservou, à semelhança do mais que por ele foi produzido.

Ledor insaciável, lia tudo que lhe passava sob as vistas. Pode-se dizer, sem exagero, que leu durante toda a sua vida.

Estudioso, da meninice à velhice, manteve-se, mesmo com o atraso e as dificuldades do meio em que viveu, sempre a par do que se passava no país e no mundo. Conhecia os meandros da política nacional e, de um por um, a vida de seus líderes mais em evidência.

Em sua casa, havia o culto a Rui Barbosa. E, lembro-me, perfeitamente, quando lá chegou, transmitida pelo telégrafo,

na própria noite de 1.º de março de 1923, a notícia do passamento da “Águia de Haia”, fora como se houvera desaparecido um parente muito próximo e muito querido, tamanha a tristeza que a todos dominou. Culto que, de minha parte, mantenho íntegro, pois considero Rui, pela inteligência genial, pelo saber incomparável, pela integridade a toda prova, pelo patriotismo sem jaça, o brasileiro que mais honrou e dignificou o nome do Brasil.

Extremamente dedicado às coisas e fatos do passado, meu Pai foi um tradicionalista sem no entanto haver sido um retrógrado, porque, homem de espírito esclarecido e um liberal por princípio e formação, nunca se opôs ao progresso e sabia se comportar em face da evolução dos tempos e dos costumes.

A história — em particular, a do Piauí — cultivava-a com carinho e muito desvelo, dissertando com extraordinária facilidade sobre assuntos os mais diversos relacionados à nossa terra e à nossa gente. Ardoroso pesquisador dos acontecimentos de Oeiras de antanho, dele recebi preciosas lições da história do Estado e da cidade em que nasci. Neste Instituto, portanto, que é o intrépido guardião das tradições oeirenses, ele ficará como se estivesse na sua própria casa, porque, se vivo fosse, de direito, seria um dos nossos.

Causer de primeira ordem, valia a pena ouvir-se meu Pai. A sua palestra era um ensinamento constante. Palavra fácil, fraseado correto, a todos agradava. E se transformaram num hábito da cidade as “rodas” que se formavam em sua porta, verdadeiros serões, todas as noites, e a que compareciam pessoas gradas da cidade e de fora, quando aqui vinham. Duravam as “sessões”, normalmente, das 18 às 21, hora esta em que a cidade, por costume herdado de tempos antigos, adormecia. E era de ver-se a animação reinante, o entusiasmo com que falavam e discutiam. Dos seus frequentadores mais assíduos, dentre outros, que a memória já muito gasta faz-me lembrar, cito João Ribeiro de Carvalho, Pedro Sá — este patrimônio vivo do saber e da dignidade oeirenses e que é merecedor da admiração e do respeito de todos os que aqui

nasceram — Raimundo Osório de Araújo Costa, Padre José Gomes da Silva, Benedito Francisco de Sousa, Manuel Felipe de Moraes Rego, Raimundo Ferraz, Batista Siqueira, Fernando de Holanda Costa Freire, Francisco Madeira, os irmãos Nunes: Sebastião, Benedito e Raimundo; quase todos já desaparecidos. Ali falava-se a respeito de tudo: comércio, agricultura, pecuária, política estadual e nacional, literatura, direito, acontecimentos do país e do mundo.

Advogado, chefe de família exemplar e homem público, desde que me entendi acostumei-me a vê-lo seguir, na luta cotidiana pela vida, que lhe foi árdua e difícil, os rumos que a si próprio se traçara: de independência e nobreza. Para prová-lo, basta mencionar que numa terra em que poderia ter sido tudo, com o preparo que possuía, concunhado que era do poderoso chefe político da época, com quem entretinha relações cordiais, jamais, em tempo algum, ocupou um lugar de mando, pois nunca se submeteu à tutela política do parente. Ao contrário: em todo o tempo lhe fez oposição. E, diga-se de passagem, com o seu temperamento, tinha mais a formação de um homem de oposição que de governo. E na oposição, enquanto militou na política partidária, sempre esteve.

Foi autor de anteprojetos de mais de um Código de Posturas e de outras leis municipais. A sua palavra e o seu conselho, por norma de que não se afastava, dava-os com vistas a salvaguardar os interesses da coletividade.

A sua integridade chegava às raias do inacreditável. Como advogado, ao cobrar honorários, quando o fazia, era de um escrúpulo de causar admiração. De uma feita — e toda família ficou pasmada com sua atitude, porque, além do mais, estava muito carente de recursos — ao terminar, depois de infindáveis e aborrecidos meses de trabalho fatigante, o complicado inventário de um rico fazendeiro do município, que deixara viúva uma parenta sua, era de esperar que cobrasse no mínimo um conto de reis (moeda da época), porque o serviço valia mais. Pois bem, tudo concluído, nem uma dúvida a dirimir, o inventário homologado, com o assenti-

mento unânime dos herdeiros, muitos, por sinal, o inventariante entregou-lhe um envelope. Abrindo-o, verificou que continha cédulas no valor de oitocentos mil réis. Imediatamente, nada obstante os protestos do pagador, restituiu-lhe duzentos mil réis, ficando apenas com seiscentos! E o mais curioso da história, meus senhores, é que tempos depois soube-se, por pessoa fidedigna, que a viúva mandara lhe fosse paga a quantia de um conto de réis e não a de oitocentos!

Político e da oposição, duas vezes teve ele a casa vigiada pela polícia, episódios que muita gente, mesmo de seu tempo, talvez ignore. A primeira quando de um incidente havido entre um seu parente e amigo, homem pobre mas íntegro e corajoso, e distinto e saudoso conterrâneo, cidadão altamente conceituado e merecedor de todo apreço, também seu amigo, e um dos líderes de inconfundível prestígio do partido do governo. Por motivos fáceis de compreender, dada a posição de destaque do político, apareceram os “mais realistas que o rei”, e um fato, que não deveria ter ultrapassado os limites de uma desavença pessoal e passageira, tomou vulto, levando o menos favorecido pela fortuna a procurar amparo na casa da Praça das Vitórias onde, então, residia ele, Dagoberto, a fim de evitar a prisão, pois a polícia já se mobilizara para efetua-la.

Meu Pai estava ausente, a serviço de sua profissão, na cidade de Picos. Uma mulher, frágil de corpo mas de espírito forte, minha Mãe, acolheu o parente, abrigou o amigo, arrostando com todas as conseqüências. Tranqüila, no entanto, porque sabia o marido apoiaria a sua atitude. Então, aí — enquanto meu Pai, a toda brida, se deslocava de onde estava, para assumir, em pessoa, a defesa do lar — um amigo, também da oposição, destes de todas as horas, das certas e das incertas, e cuja amizade, para honra minha e dos meus irmãos, passou do pai para os filhos, permaneceu, impávido, na vigília, com a família do amigo. Nobre gesto que define, sobejamente, a personalidade de um homem. A sua memória, todos os da família Ferreira de Carvalho reverenciamos, e o

seu nome, meus irmãos e eu o pronunciávamos com admiração e respeito: João Ribeiro de Carvalho.

Chegado meu Pai, que com a sua coragem moral e física reassegurou a proteção ao perseguido, acalmaram-se os ânimos e dias depois o parente e amigo voltou a ter plena liberdade de movimento, retornando à companhia dos seus.

Passado algum tempo, felizmente, meu Pai e o político, homens compreensivos e educados, reataram as cordiais relações que anteriormente mantinham, relações que, desaparecidos ambos, perduram, através dos filhos.

O outro fato, presente meu Pai em Oeiras, passou-se com um dos principais mandões da terra. Político de proa da situação dominante, a quem um pedreiro, eleitor do partido do governo, estava a prestar serviços. Em chegando ao local da obra, não me recordo se por não haver gostado do trabalho ou se por motivo de alguma resposta que não lhe agradara, o político, homem impetuoso e emotivo, abespinhou-se. E, de rebenque em punho — na época era comum o uso do rebenque — intimou o operário, que estava no alto de um andaime, a descer... para apanhar. O artista do barro e da colher, cidadão reconhecidamente pacato, não vendo aceitas as ponderações apresentadas, desceu, mas, como era natural e humano... não com a intenção de apanhar. E... conseguiu neutralizar a ação do desafiante. Foi um deus-nos-acuda, na cidade toda. Correrias, mobilização do contingente policial e de amigos do político. E o pedreiro correu em busca de lugar onde pudesse ficar ao abrigo da perseguição, que redundaria, fatalmente, em cadeia e... pancadaria. Ao invés, porém, de dirigir-se à casa de algum dos grandes do partido a que pertencia, bateu à porta de um homem da oposição. Era a da velha casa da Praça das Vitórias, a de meu Pai. E foi por ele acolhido, muito embora a corajosa atitude viesse a custar-lhe, além de sérios aborrecimentos, a perda de uma antiga amizade.

A polícia e os achegados ao homem forte ficaram de atalaia, rondando a rua lateral à casa em que se encontrava

o atrevido que ousara não se deixar espancar. Não era a primeira vez que tal acontecia.

Com a determinação de meu Pai — que de novo, como anteriormente já sucedera, tinha a seu lado João Ribeiro de Carvalho, o amigo de todas as horas — não cedendo um instante sequer aos arreganhos dos poderosos do dia, a situação não tardou a normalizar-se, e o inocente pôde regressar ao lar, sem ser preso e... sem apanhar.

Por um dever de justiça, cumpre ressaltar que por ocasião dos dois episódios narrados achava-se ausente, em fazenda de sua propriedade, o Desembargador Cândido Ferreira de Sousa Martins, chefe supremo da política local.

Este, em ligeira síntese, o homem de que meus irmãos e eu tanto nos orgulhamos de ser filhos e os netos e bisnetos tanto se orgulham de ser descendentes, e sobre o qual, quando de seu falecimento, em correspondência dirigida a pessoa da família, assim se expressou distinto conterrâneo, cuja memória, de público, reverencio, e que se chamou José Nogueira Tapety:

“Desapareceu com ele, o último vulto respeitável e respeitado da ex-metrópole piauiense; remanescente das nobres tradições de honra, de dignidade e de caráter dos homens antigos de nossa terra.”

Senhores membros do Instituto Histórico de Oeiras: a família Ferreira de Carvalho, com a minha palavra, humilde mas cordial e amiga, profundamente reconhecida pelas celebrações com que, a ela solidários, vindes tomando parte nas homenagens pela passagem do centenário de nascimento do seu Patrono, ocorrido a 18 de julho de 1876, em São João do Piauí, justamente, por mais uma coincidência — homem do Direito, que ele o foi — na data exata, dois anos depois da criação, por Lei Provincial número 850, de 18 de julho de 1874, da comarca daquela cidade, agradece a vossa compreensão e valiosa colaboração, bem assim a atenção dos que se

dignaram a comparecer às solenidades do dia de hoje, compartilhando dos sentimentos dos que a compõem, sentimentos que se constituem um misto de saudade e de euforia: de saudade, pela ausência do ente querido, e de euforia, por verem que a memória do cidadão justo e bom está sendo condignamente reverenciada. E o reconhecimento de todos eles se estende, mui particularmente, aos Professores José Expedito de Carvalho Rêgo e Possidônio Nunes de Queirós, que, com o brilhantismo que lhes é peculiar, pela manhã e há pouco, tão bem retrataram, com palavras de ouro, a figura do homenageado, através de ângulos vários de sua individualidade de cidadão, chefe de família, advogado e homem público. A todos, e, especialmente, repito, aos dois ilustres oradores, que tão a fundo tocaram a sensibilidade dos integrantes da família, fazendo com que mais se agigantasse, na sua lembrança — se tal realmente ainda é possível — a imagem do vulto estremecido e inesquecível que vive perenemente no coração e no pensamento de todos eles, o muito obrigado, sincero e comovido, dos filhos e parentes de Dagoberto Ferreira de Carvalho.

Meu Pai! Nesta casa, relicário vivo e palpitante das tradições e da história de Oeiras, terra que foi tua e que é minha, estão, nesta hora de vibração e saudade, a contemplar, na galeria que passaste a integrar, a tua efígie, tranqüila e serena, como só o podem ter os limpos de corpo e espírito: — os teus filhos, os teus netos, os teus bisnetos, os teus parentes, os teus amigos, os que te conheceram e até os que não te conheceram, estes, na maioria, representados pela mocidade oeirense, mocidade em que a cidade muito confia e de que muito espera; e todos para reverenciarem a tua memória, por motivo do centenário do teu nascimento, porque foste bom e foste digno!

Meu Pai! 25 anos depois do teu desaparecimento da face da terra, levado que foste por teu Deus, que, por sorte, também é o meu, continuas vivo, bem vivo, no coração e na saudade daqueles que te amaram, porque a tua memória, Pai, é, para eles, imperecível!

Meu Pai! Os teus filhos e já agora os teus netos e os teus bisnetos, porque a família, seguindo o mandamento do Cristo, o mesmo Cristo que te guiou na vida terrena e te conduziu à vida celestial, cresceu e se multiplicou, aqui estão, agradecidos e comovidos, para testemunharem a sua gratidão pelo muito que fizeste, e, sobretudo, pelo exemplo que deixaste!

Meu Pai! Os teus filhos — porque, mesmo o que em pessoa não pôde vir, em espírito comparece — aqueles que se constituíram o anseio maior da tua vida, e que foram amados no limite máximo da humana força pela mulher que foi a tua primeira companheira dedicada e boa, porque, ser mãe, como bem o disse o poeta, “é desdobrar fibra por fibra o coração”, aqui estão, vindos alguns de paragens longínquas, para dizerem no dia do teu centenário de nascimento: presente!

Meu Pai! Num preito de imorredoura gratidão, a ti e àquela que foi mãe amantíssima, pelo muito que deram aos filhos, e foi tudo, fazendo minhas palavras de Rui Barbosa, o grande Rui, a quem tanto admiraste, e na certeza de interpretar o sentir de todos os meus irmãos, que neste instante, e aqui neste lugar, têm o pensamento voltado para os pais inesquecíveis, para a irmã idolatrada, que tão cedo se foi deste mundo, deixando um vácuo impreenchível, e para os demais entes queridos, já desaparecidos; agradecendo a Deus, o onipotente Deus de misericórdia, infinitamente perfeito, criador e regulador do universo, a graça, por tanta ventura; digo:

“Vós me destes progenitores
imaculados que buscaram
ensinar-me a não errar
os vossos caminhos.”

- (1) Duas vezes trisavós, porque pais dos bisavós Manuel (Visconde) e Joaquim de Sousa Martins; duas vezes tata-

ravós, porque pais dos trisavós Manuel (Visconde) e Maria do Rosário de Sousa Martins. Também uma vez tataravós de Dagoberto, porque pais da trisavó Maria do Rosário.

- (2) Duas vezes trisavós, porque pais dos bisavós Josefa Maria dos Santos e João Antônio de Carvalho; uma vez tataravós, porque pais da trisavó Josefa Maria dos Santos. Também trisavós de Dagoberto, porque pais do bisavô Arnaldo José de Carvalho.
- (3) Uma vez trisavós, porque pais da bisavó Teresa de Jesus Maria; uma vez tataravós, porque pais da trisavó Isabel de Araújo Costa.
- (4) Uma vez trisavós, porque pais do bisavô Raimundo de Sousa Martins; uma vez bisavós, porque pais da avó Maria Josefa de Sousa Martins.
- (5) Também trisavós de Dagoberto, porque pais da bisavó Luiza Maria da Conceição.

Carta escrita, em dezembro de 1951, do Recife, por Abimael Clementino Ferreira de Carvalho aos irmãos residentes em Oeiras, e cuja gravação foi ouvida diante do túmulo de Dagoberto Ferreira de Carvalho, por ocasião da visita realizada às 9 horas de 18 de julho de 1976.

Caros irmãos:

Embora já decorridos mais de 20 dias que a fatalidade nos bateu à porta, continuo como que em suspenso.

A enormidade do golpe, inesperado, por sinal, porquanto uma surpresa dolorosíssima, máxime para mim, o ausente em todos os momentos difíceis da família, abateu, profundamente, as minhas forças. E de tal forma que sinto a inteligência não conseguirá exprimir fielmente o que me vai n'alma. Melhor seria, talvez, silenciar, mas o dever de filho e de irmão impõe que faça chegar até aí a minha palavra, pouco importa que triste e desconexa, àqueles a que estou ligado pelos mais estreitos laços de fraternidade, pois o sangue que corre nas vossas veias é um só: de um mesmo pai e de uma mesma mãe.

Tarefa difícil, bem difícil, a que me cumpre realizar. Não sei mesmo se o coração, porque aqui não entra em conta o cérebro, terá, para tanto, o alento necessário. Enfim, como a vida continua, nada obstante a rudeza do transe por que passamos e que tão a fundo nos feriu, imprescindível é que

este coração torturado pela dor e pela saudade vá pulsar descompassadamente — senão lado a lado, pelo menos através do lamento destas palavras, que brotam do mais íntimo das suas moléculas — junto a corações irmãos, também torturados pela saudade e pela dor.

Imperativos de força maior fizeram com que, bem cedo, deixasse o lar paterno. E a ausência já se prolonga por demais. Quase 25 anos são passados desde aquele dia em que beije, pela derradeira vez, minha santa Mãe; desde aquele dia em que vi, pela última vez, outros entes queridos que já se foram para o céu; desde aquele dia em que, rumo ao desconhecido, deixei a velha e sempre lembrada casa, que vive no meu pensamento, relicário que é das recordações mais gratas, tecto abençoado que abrigou nos tempos felizes e saudosos da meninice a uma irmandade cuja união, graças aos sábios ensinamentos do melhor dos pais e da melhor das mães, perdura ainda e perdurará para sempre, porque, agora, mais que nunca, o dever daqueles que ali viveram a infância feliz é manter indissolúveis os laços de amor fraterno que os unem, pois, só assim, serão dignos do grande pai e da santa Mãe que tiveram. Honrar e dignificar pais como os nossos, não é somente um dever: é uma felicidade.

O tempo passou, ou melhor, vai passando, e eu nem mesmo o exemplo do filho pródigo imitei, porquanto não mais voltei a ocupar o lugar antigo, se bem soubesse que por outrem jamais seria ocupado. Predestinação a que não pude fugir. Apenas, de longe em longe, a fortuna levou-me, algumas vezes, ao velho lar, em parte, então já deserto. E, não fora a esperança, a abnegação, a bondade, que lá se vieram postar, na pessoa daquela que foi tudo para o nosso Pai, nos seus últimos vinte anos e que é credora de todo o nosso reconhecimento — a boníssima “Quinquinha” — bem tristes teriam sido as peregrinações.

Afastado bem moço do aconchego do lar, tive a desventura de só ficar ao lado de nossos pais até a idade de 17 anos. A vida é tão curta e a gente ainda se separa de pai, mãe, irmãos, família. Pobre humanidade!

Aqui, e neste instante de tantas lembranças, recordo aquele que foi o meu maior amigo, meu grande e inesquecível Pai. E quero falar especialmente do meu Papai, isto é, dos tempos anteriores a 1927, mesmo porque aquele velhinho cuja mão beijava emocionado, com respeito e admiração, toda vez que, posteriormente, me foi concedida a graça de contemplar-lhe a figura venerada, era o mesmo homem de todos os tempos. Em nada mudara, tanto que, aos 75 anos, quando Deus o levou para o Reino do Céu, desapareceu com ele, como bem o disse o distinto conterrâneo José Nogueira Tapety, “o último vulto respeitável e respeitado da ex-metrópole piauiense; remanescente das nobres tradições de honra, de dignidade e de caráter dos homens antigos de nossa terra”. Pois bem, é deste homem que vou falar. E à lembrança me vêm aqueles tempos difíceis em que a pobreza, em escala ascendente, habitava, por assim dizer, a nossa casa. E qual de nós poderá jamais esquecer aqueles tempos heróicos? Certo nenhum, pois os anos passaram, melhores dias, em relação a recursos materiais, vieram, porém o exemplo dignificante de altivez e independência de um homem que não se dobrava ante as vicissitudes, por maiores que fossem, ficou, e será sempre apanágio de glória para os que lhe herdaram o nome.

A adversidade, no que tange às coisas materiais, não se deteve ante a sua fulgurante inteligência, os seus invejáveis conhecimentos de homem ilustrado, a sua maneira retilínea de proceder, e como que se comprazia em lhe rondar a porta. E era sublime, em particular para os filhos, ver-se aquela figura austera, cabeça erguida, sem uma palavra de revolta, enfrentar, sem se arredar do caminho da honra, um mundo de dificuldades, dia-a-dia, anos-a-fio. Era realmente sublime, e eu que não tenho acanhamento de ser pobre, com satisfação digo, bem alto, que terei sempre orgulho daqueles tempos vividos na meninice e que aquele exemplo calou bem a fundo no meu espírito, tanto que se constitui o mais poderoso incentivo na minha luta pela vida. Aliás, guardadas as proporções, como essa luta se assemelha com a dele! E,

graças ao bom Deus, nesta hora em que lhe choro a perda irreparável, posso dizer, não por vaidade, defeito que não possuo, mas num preito de vera justiça a sua memória impecável, que, à semelhança do que tem acontecido até o presente, tudo continuarei a fazer, não medindo sacrifícios e conseqüências, para jamais deslustrar o seu nome honrado. Outra, sei, não tem sido a norma de conduta de todos os meus irmãos; e, outro, tenho certeza, não é o pensamento que os domina, neste instante de dor e de saudade. Porque, qual de nós, torno a perguntar, poderá esquecer aqueles tempos heróicos, ou, precisamente, todos os dias vividos na companhia de nosso grande Pai? Certo nenhum, repito, porque há fatos, há épocas, há pessoas, que são inesquecíveis.

Nosso Pai viverá para todo o sempre, de maneira indelével, na lembrança dos filhos, porque a sua vida é um livro em que não há páginas em branco; catecismo de doutrinas que conduzem ao caminho do bem e da verdade; floresta de exemplos que dignificam e enobrecem. E aqui cumpro o sagrado dever de associar a esse vulto inconfundível de homem de bem uma figura delicada e meiga, personificação completa da bondade, do desprendimento, da resignação: nossa querida e inesquecível Mãe! Era de ver-se e de admirar a nobreza com que se conduzia aquela mulher, moça ainda, nascida na fortuna, pois oriunda de uma das famílias mais ricas do Estado, quando na adversidade de bens materiais. Felizmente, restaram-lhe a invulgar capacidade de trabalho, a inteligência privilegiada, o grande saber e, acima de tudo, a dedicação sem limites do esposo amantíssimo. Nenhuma palavra de revolta! Ao contrário, na sua atitude de conformação percebia-se até uma parcela de orgulho por possuir o marido que possuía, se é que o sentimento que a empolgava poderia como tal ser classificado. Se o era, bendito orgulho que foi estímulo insuperável ao batalhador incansável. Foi ela bem a companheira à altura daquele que, em boa hora, a elegera como esposa. Um e outra se completavam. E, por sorte, para nosso Pai e para todos nós, essa tradição de afinidades entre esposos, mesmo com o desaparecimento de nossa

Mãe, perdurou. É que, com o segundo casamento, de novo a bondade, o desprendimento, a abnegação, a meiguice, voltaram a habitar o velho lar, na pessoa de outra companheira tão nobre quanto a primeira, que é esse ente querido, por todos os títulos merecedor de nossa eterna gratidão: "Quinquinha"! As duas irmãs foram dignas uma da outra e, ambas, cada uma no seu tempo, o anjo tutelar de nosso Pai.

Seja-me permitido agora falar do político, do orador, do homem de fé, do advogado. Político, o foi na acepção real do termo. Entendia a política como uma ciência a ser praticada a bem da coletividade, com altruísmo e honestidade, e nunca visando interesses pessoais, as mais das vezes inconfessáveis, como, desgraçadamente, sói acontecer em nosso país, onde muitos, a troco de benefícios de toda ordem, a tudo se amoldam.

Em Oeiras, se houvesse desejado, mesmo sem quebra da dignidade — o que seria inconcebível para um homem do seu porte moral — bastando apenas fazer algumas concessões, poderia ter sido tudo, pois os estreitos laços de parentesco com o chefe supremo da política local o favoreciam para o exercício das mais elevadas posições. E o seu caráter e o seu saber o recomendavam para o desempenho de qualquer cargo. Preferiu, no entanto, viver no ostracismo político, permanecendo na oposição, quando, em seu lugar, outro, dadas as circunstâncias favoráveis, ter-se-ia delas aproveitado.

Orador, foi um dos maiores que já ouvi. E tenho ouvido grandes oradores. Palavra fulgurante, dicção perfeita, entoação magnífica de voz, os seus discursos a todos agradavam, mesmo porque a sua palavra era, no seu tempo, a mais autorizada que se fazia ouvir na terra oeirense.

Advogado, notabilizou-se no meio em que viveu pela competência e pela honestidade. Era de admirar como a palavra de um homem que nunca alisara bancos de academias e que freqüentara apenas pobres escolas de primeiras letras, em sua cidade natal, São João do Piauí, fosse tão autorizada e acatada.

E, neste instante, à lembrança me vem um episódio da sua vida de advogado. Único na cidade, poderia dar a seus serviços, no mínimo, o valor que mereciam. Nunca o fez. Recebia, geralmente, quantias diminutas dos seus constituintes, mesmo dos mais afortunados. Certa feita, foi encarregado de fazer o inventário de um rico fazendeiro, trabalho que, sem exagero, na época, valia nunca menos de um conto de réis. Pois bem, concluído o trabalho não cobra; deixando o pagamento a critério dos herdeiros. A viúva mandara, segundo depois se veio a saber, que lhe dessem um conto de réis. A pessoa incumbida de fazer o pagamento deu-lhe, entretanto, somente oitocentos mil réis. E ele, pobre e necessitado, não atendendo os protestos veementes do pagador, para que não o fizesse, devolveu-lhe duzentos, ficando apenas com seiscentos! Gestos como este, definem um homem.

Homem de saber, estava sempre a par dos fatos de maior importância que se passavam não só no Brasil, como no mundo. Memória prodigiosa, era de causar espanto a maneira brilhante como discorria, sem se afastar da realidade, sobre acontecimentos os mais variados.

Católico fervoroso, a sua fê era inabalável. E os seus atos de cristão ficaram como exemplo. Caridoso, como poucos o são, praticava o bem sem alarde, sem intenção outra que não a de ser útil aos seus semelhantes menos bafejados pela fortuna. "Vinde a mim os mais pobres", bem que poderia ter sido a sua divisa.

Foi este o pai que acabamos de perder. E, com ele, desapareceu o velhinho em torno do qual nos congregávamos, mas o templo não ficou vazio. A romaria deve e terá de continuar, porque aquela que é a imagem da bondade e da ternura, "Quinquinha", aí está. Permanecemos, pois, certos de que só assim estaremos cultuando dignamente a memória do mais carinhoso dos pais; do mais sábio dos conselheiros; do maior amigo que tínhamos, em torno dela que, até o instante supremo, foi o esteio em que ele se apoiou e, de joelhos, beijemos, agradecidos, a sua mão dadivosa.

Meus irmãos: a matéria morre, porque "o homem é pó e em pó se tornará", mas o espírito é imortal, porque a alma não morre. Papai vive ainda e viverá enquanto vivermos, no nosso coração, na nossa lembrança, na nossa saudade. A nós, seus filhos, cumpre pois, neste momento, rendendo à sua veneranda memória a maior homenagem que nos permitem as fracas forças de seres humanos, fazermos o juramento solene de que os laços de amizade fraternal que nos unem desde o berço, desde os dias felizes e saudosos da meninice, passados na "velha casa", e que nos têm ligado sem discrepância, incondicionalmente, até o presente, perdurarão indissolivelmente enquanto vida tivermos e que se prolongarão através dos nossos descendentes. Só assim seremos dignos dele; só assim seremos dignos da mãe que tivemos; só assim seremos dignos da "Quinquinha" que temos; só assim seremos dignos da irmã que tivemos, a nossa idolatrada e inesquecível "Ninotinha".

Meus irmãos: com o nosso Pai, realmente, não há negar, desapareceu um dos últimos abencerragens de uma raça quase extinta.

E Tarcísia, que, pelo coração, também é filha, e que tanto por ele era querida e muito o amava, faz suas as minhas palavras, palavras que torno extensivas a Nair, Lourival, Maria José, Alina e Raimunda, pois como filhos eram por ele considerados.

Fraternalmente, o abraço comovido do irmão

ABIMAE L

Recife, dezembro, 1951.

Composto e Impresso na Imprensa Universitária
da Universidade Federal do Ceará, Avenida
da Universidade, 2932 — Fortaleza - Ceará